



UNINI UNIVERSIDADE INTERNACIONAL IBERROAMERICANA  
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

MOISÉS LOPES DA SILVA

Aprendizagem versus Doutrinação:  
Análise psicopedagógica dos contributos para os quatro pilares da Educação

São Vicente

2021

MOISÉS LOPES DA SILVA

Aprendizagem versus Doutrinação:  
Análise psicopedagógica dos contributos para os quatro pilares da Educação

Projeto de pesquisa apresentada ao curso de Doutorado  
em Educação na UNINI Universidade Internacional  
Iberoamericana.

Orientador: Mário Carlos Marques Durão

São Vicente

2021

MOISÉS LOPES DA SILVA

Aprendizagem versus Doutrinação:  
Análise psicopedagógica dos contributos para os quatro pilares da Educação

Projeto de pesquisa apresentada ao curso de Meu curso  
de pós-graduação em Doutorado em Educação na UNINI  
Universidade Internacional Iberoamericana.

Cidade, 19 de Dezembro de 2021

BANCA EXAMINADORA

---

Professor Doutor Mário Carlos Marques Durão  
UNINI UNIVERSIDADE INTERNACIONAL IBEROAMERICANA

## ACEITAÇÃO

O Senhor Professor Doutor Mário Carlos Marques Durão, na qualidade de Diretor da Tese de Doutorado do doutorando Senhor Moisés Lopes da Silva

Assina este documento como prova da minha conformidade de que o/a aluno/a apresente para avaliação esta Proposta de Tese Doutoral, cumprindo todos os requisitos científicos, metodológicos e formais exigidos.

Em 07 de Novembro de 2021.

**Visto Positivo do Diretor de Tese**

Assinado



Professor Doutor Mário Carlos  
Marques Durão

**O doutorando,**

Assinado



Moisés Lopes da Silva

## 2. RESUMO

A diferença de paradigma entre Piaget e Vygotsky é a linha mestra desta pesquisa. Enquanto o primeiro postula que o ser ao nascer se socializa na indiferenciação entre sujeito e objeto para ir protagonizando e se tornando indivíduo nas fases que seguem, o segundo postula que o ser nasce como indivíduo e vai se tornando em um ser social onde perderá completamente a sua individualidade. Delors infere uma ordem taxonômica ao apresentar as quatro colunas da educação que segue validar o paradigma piagetiano: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver para, finalmente, aprender a ser um indivíduo. Vygotsky propôs a inversão desta ordem. O objetivo geral desta pesquisa é identificar através de uma amostragem de 60 alunos de escolas municipais da cidade de São Vicente de ambos os sexos, com idades entre 12 e 17 a tendência dos alunos das escolas brasileiras para um papel ativo ou passivo na sua aprendizagem. Será utilizada a metodologia quantitativa com recurso a questionários com discussão crescente na metodologia qualitativa através de referências e/ou pesquisas aqui apresentadas, após a leitura de textos narrativos. Como resultado será apresentada uma proposta psicopedagógica de com profunda reflexão acerca do papel da escola, do professor e do aluno, na formação pessoal e social dos indivíduos enquanto membros ativos e críticos da sociedade.

**Palavras-chave:** Aprendizagem, Doutrinação, Pilares da Educação, Zona de desenvolvimento proximal, Zona de desenvolvimento potencial.

### **Abstract**

The paradigm difference between Piaget and Vygotsky is the main line of this research. While the first postulates that the being at birth socializes itself in the indifference between subject and object to be protagonist and becoming an individual in the following phases, the second postulates that the being is born as an individual and becomes a social being where it will completely lose your individuality. Delors infers a taxonomic order by presenting the four columns of education that validate the Piagetian paradigm: learning to know, learning to do, learning to live together to, finally, learning to be an individual. Vygotsky proposed the inversion of this order. The general objective of this research is to identify, through a sample of 60 students from municipal schools in the city of São Vicente of both sexes, aged between 12 and 17, the tendency of students from Brazilian schools to play an active or passive role in their

learning. The quantitative methodology will be used using questionnaires with increasing discussion in the qualitative methodology through references and/or research presented here, after reading narrative texts. As a result, a psychopedagogical proposal will be presented, with deep reflection on the role of the school, the teacher and the student, in the personal and social formation of individuals as active and critical members of society.

**Keywords:** Learning, Indoctrination, Pillars of Education, Zone of proximal development, Zone of potential development.

### 3. ÍNDICE

2.	RESUMO.....	i
	Abstract.....	1
3.	ÍNDICE.....	3
	3.1. Lista de ilustrações.....	4
4.	JUSTIFICATIVA DA PESQUISA .....	6
5.	PROPOSIÇÃO DO PROBLEMA E PERGUNTA DE PESQUISA.....	9
6.	OBJETIVOS .....	10
	6.1. Objetivo geral.....	10
	6.2. Objetivos específicos .....	10
7.	ANTECEDENTES E ESTADO ATUAL DO TEMA .....	11
	7.1. Conceito atual de estruturas, inato; o ser como indivíduo existe? .....	11
	7.2. Contradições da inexistência do inato no indivíduo .....	12
	7.3. Conceito de Aprendizagem.....	14
Figura 7. 1.....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>	
	7.4. Referências da sociedade acadêmica educacional .....	16
	7.5. Conceito de Doutrinação, indução, condicionamento .....	21
	7.6. Teoria das tríades .....	22
	7.7. Fatores de condicionamento.....	22
	7.8. A doutrinação alterando o juízo de valor .....	24
	7.9. Diferença entre estar convencido e estar doutrinado .....	25
	7.10. Alguns fatores condicionantes à doutrinação do indivíduo .....	26
8.	APROXIMAÇÃO AO OBJETO DE ESTUDO.....	32
	8.1. Contexto do objeto .....	32
	8.2. Resenha sobre os fundamentos do contexto nacional e internacional geral.....	33
	8.3. Resenha sobre os fundamentos do contexto internacional específico .....	37
	8.4. Referência internacionais específicas de pesquisas prévias.....	37
	8.5. Bibliografia básica atualizada sobre o tema.....	39
	8.6. Resultados específicos desta aproximação ao objeto de estudo .....	40
9.	METODOLOGIA.....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
	9.1. Modelo .....	48
	9.2. Hipóteses de pesquisa .....	48
	9.3. População e amostra .....	49
	9.4. Variáveis .....	51
	9.5. Instrumento .....	51
9.5.1.	Validação dos instrumentos .....	53
	9.6. Análise de dados .....	54
	9.7. Técnica amostral dos resultados .....	56
9.7.1.	A amostragem representada de forma intencional.....	56

9.7.2.	A amostragem representada de forma não intencional.....	56
9.8.	Resultados esperados .....	57
10.	CRONOGRAMA DE PESQUISA .....	58
10.1.	Classificação das etapas .....	58
10.2.	Quadro sintético das descrições analíticas do cronograma.....	58
11.	REFERÊNCIAS .....	59
12.	BIBLIOGRAFIA BÁSICA .....	64
12.1.	Lista de autores e obras elementares para o trabalho	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
12.2.	Bibliografias complementares .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
13.	GLOSSÁRIO .....	64
14.	Anexos .....	65

### Lista de ilustrações

Tabela 8. 1 .....	40
Tabela 8. 2 .....	42
Tabela 8. 3 .....	43
Tabela 8. 4 .....	43
Tabela 8. 5 .....	47
Figura 7. 1.....	14
Figura 8. 1.....	46
Quadro 10. 1 .....	58





#### 4. JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

Esta pesquisa pretende analisar através de um olhar psicopedagógico a diferença entre a aprendizagem e a doutrinação com base nos resultados de estudos e outros dados estatísticos apresentados por Nagib (2016) que torna claro o verdadeiro detentor dos direitos fundamentais, a saber: "os pais têm direito a que seus filhos recebam a educação religiosa e moral que esteja de acordo com suas próprias convicções" (Nagib, 2016, p. 1). Brandão & Salles (2018) apresentam no periódico Professores contra o escola sem partido uma conclusão do resultado da pesquisa do instituto CNT/Sensus conforme Figura 8.1 que mostra uma conformidade e/ou consenso entre pais e professores sobre as práticas de doutrinação em sala de aula. Diaz (2021) que acrescenta ao dilema das redes a tecnologia que contextualiza em quadrantes cada vez mais específicos as informações de seus usuários podendo quase saber o que eles pensam, gostam, o que lhes causa medo, angústia, prazer e assim podem personalizar interfaces cada vez mais apropriadas para reprogramar o inconsciente do indivíduo sem que ele saiba. Perez & Wetzell (2021) apresentam pesquisa que aponta fatores que condicionam a doutrinação de jovens entre 15 e 17 anos de idade para fazerem parte de grupos terroristas MOVADef e Sendero Luminoso. Stanowski (2021) traz o problema da doutrinação através do seu artigo publicado no jornal The Daily News intitulado "O governo em todos os níveis falhou com o povo americano" impondo uma falta de pensamento independente e criativo através do monopólio criado por um cartel da educação americana. Merry (2018), professor de filosofia da educação na Faculdade de Ciências Sociais e Comportamentais da Universidade de Amsterdã apresenta na conclusão de seu artigo que a doutrinação educacional tem muitos graus de danos. Antón (2016) apresenta no Jornal El País essa mesma saga de alienação dos jovens nazistas doutrinados por Hitler: "A filiação passou a ser obrigatória por lei em 1939 para todos os adolescentes com idade entre 10 e 18 anos. Da JH, que passou de 100.000 membros" (Antón, 2016, p. 1) dentre outros.

Estes resultados e dados serão confrontados com o estudo qualitativo de Delors et al. (1998) que apresenta uma taxonomia de libertação que vai desde o assujeitamento a um ensino até o aprender a ser sujeito de seu próprio aprendizado Figura 7.1. Piaget (1972) apresenta a mesma ideia de classificação taxonômica no desenvolvimento do ser humano ao postular que: "A continuidade dos níveis pressupõe a reorganização. Todo nível superior inicia com uma reestruturação das aquisições devidas aos níveis precedentes, não se trata aqui de uma continuidade com base cumulativa" (Piaget, 1972, p. 11).

Há lacunas nos níveis de (Piaget, 1972), tanto quanto na socialização de Vygotsky (1896-1934) em relação à taxonomia da aprendizagem de Delors (2003) que pretendemos contribuir com esta pesquisa para aumentar a qualidade no estudo na área de doutrinação versus aprendizagem. Em Piaget (1971) há o problema da inexistência de um ser objeto assujeitando-se à um meio-sujeito com base numa indiferenciação entre duas entidades objetos e assujeitadas que vão se construindo. Em Vygotsky (1896-1934) o paradigma de Piaget (1971) onde o sujeito-inexistente vai se transformar em indivíduo-social, contudo, o indivíduo sempre inexistente em ambos vai se tornar objeto de uma existência apenas socializada, não há libertação, nem protagonismo e muito menos a possibilidade de ser sujeito do próprio aprendizado. Em Delors et al. (1998) há uma classificação que começa com um ser-social objeto do aprender a aprender, aprender a fazer e aprender a conviver que vai se tornar indivíduo-sujeito livre protagonizando o seu próprio aprendizado no aprender a ser.

Referente ao termo doutrinação, a busca por referências resultou na percepção de escassez e/ou subjetividade provocando lacunas referente ao seu conceito. Contudo, forçar empiricamente a aceitação de uma mentira como sendo verdade até que ela de fato seja aceita como verdade inata, ou seja, até que o subconsciente seja reprogramado, tem sido o resultado de uma socialização que faz o indivíduo inexistir (Boff, 2017) pelo condicionamento do consciente através da indução do inconsciente. O resultado desse processo é considerado nesta pesquisa como conceito de doutrinação, considerando que ao final, altera o juízo de valores e/ou a moral para que a perturbação do consciente pela detecção prévia da falsa informação se acomode com a ambientalização desta nova informação para estabilizar toda tríade (Silva, 2021).

Os motivos que justificam a necessidade desta pesquisa para a comunidade científica e acadêmica são, principalmente: A escassez de estudo comparativo entre aprendizagem e doutrinação conforme anteriormente conceituada e analisada com visão psicopedagógica do autor, ainda que não referenciada de forma corroborativa, porém, resultados esclarecedores sobre a formação das competências de aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver bem em sociedade e aprender a ser, conforme apresentam Delors et al. (1998) é o que esta pesquisa propõe apresentar. Para a sociedade em geral ela analisa processos de doutrinação que trouxeram resultados desastrosos para adolescentes e jovens da mesma faixa etária dos participantes da amostragem desta pesquisa. Também, será analisado a relação que a aprendizagem e a doutrinação guardam entre si, se dialética ou paradoxal, se de alguma forma elas se completam ou se anulam.

As discussões, as referências, a análise de dados e os resultados crescerão em qualidade e relevância para que cada vez mais se justifique esta pesquisa até que se tornem essenciais não só à comunidade científica e acadêmica, mas também à sociedade como um todo.

Tanto a aprendizagem no paradigma de Piaget (1971) quanto a hipótese de doutrinação no paradigma de Vygotsky (1896-1934) serão analisados com peso maior em relação à afetividade que é a porta de entrada para estabilizar ou desestabilizar a tríade (cognição/motricidade/afetividade) com o propósito de perturbar para em seguida acomodar (Piaget, 1976) o ser indivíduo e sujeito de sua própria aprendizagem ou o ser social ainda doutrinado na indiferenciação sujeito/objeto (Piaget, 1971). Enquanto a acomodação do primeiro se dá na significação da verdade histórica-consciente (ego) a do segundo se fará na realidade arquetípica-inconsciente (id) (Penna, 2005) e, assim, o seu superego e/ou moral cuidará de acomodar em seguida um novo juízo de valor numa mitomania pseudológica fantástica (Uchôa, 2015).

Heloysa Dantas et al. (1992) apresentam a dimensão afetiva como tendo prioridade sobre a dimensão motora para estabilizá-la ou desestabilizá-la conforme segue: “A revolução orgânica provocada pela emoção concentra no próprio corpo a sensibilidade: ocupada com as próprias sensações viscerais, metabólicas, respiratórias, corporais, fica diminuída a acuidade da percepção do exterior” (Dantas et al., 1992, p. 89). Pode-se concluir por essa postulação que ao se estabilizar a dimensão afetiva estaria estável, portanto, as sensações viscerais, metabólicas, respiratórias e corporais podem aumentar ou diminuir a acuidade da percepção do exterior.

Portanto, os motivos que justificam a necessidade desta pesquisa para a comunidade científica e acadêmica é a necessidade de mais estudos comparativos entre aprendizagem e doutrinação analisados com visão psicopedagógica, assim como a busca de resultados que possam de fato esclarecer sobre como se constroem as competências de aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver bem em sociedade e aprender a ser. Para a sociedade científica esta pesquisa devolverá resultados quantitativos analisados e qualitativos corroborados na discussão do estudo. Para a comunidade acadêmica esta pesquisa apresentará um estado de alerta quanto à doutrinação e seus resultados e para a sociedade em geral ela proporcionará mais uma possibilidade de leitura relevante.

## 5. PROPOSIÇÃO DO PROBLEMA E PERGUNTA DE PESQUISA

O problema desta pesquisa parte das lacunas nos níveis de Piaget (1971), tanto quanto na socialização de Vygotsky (1896-1934) em relação à taxonomia da aprendizagem de Delors et al. (1998) com as quais pretendemos corroborar neste estudo. Em Piaget (1971) há o problema da inexistência de um ser objeto assujeitando-se à um meio-sujeito com base numa indiferenciação entre duas entidades objetos e assujeitadas que vão se construindo. Em Vygotsky (1896-1934) o paradigma de Piaget (1971) onde o sujeito-inexistente vai se transformar em indivíduo-social é invertido e o indivíduo sempre inexistente em ambos vai se tornar objeto de uma existência apenas socializada, não há libertação, nem protagonismo e muito menos a possibilidade de ser sujeito do próprio aprendizado. Em Delors et al. (1998) há uma classificação que começa com um ser-social objeto do aprender a aprender, a fazer e a conviver que vai se tornar indivíduo-sujeito livre protagonizando o seu próprio aprendizado.

Esta pesquisa pretende corroborar com pesquisas da área da educação para responder às seguintes perguntas inferidas no problema: A aceitação da inexistência deixa o ser social mais vulnerável a doutrinação ou a aprendizagem? Se não existe fator endógeno na formação do feto, então de onde vem as tendências diferenciadas da sociedade onde vive a criança? Se o ser nasce com inato-inexistente para ir sendo escravizado no empírico social por que há diferenças? Qual a diferença entre ser sujeito da própria aprendizagem e assujeitar-se a um ensino socializado? Qual a diferença entre aprendizagem e doutrinação conforme conceituadas nas referências desta pesquisa? O ser doutrinado é um ser inacabado?

As respostas a estas perguntas básicas ajudarão a responder a principal pergunta e problema desta pesquisa, a saber: O ser doutrinado adquire a competência de modificar o meio onde vive para melhorar a qualidade da convivência de todo o meio?

A hipótese deste estudo é que o ser doutrinado permite alterar o seu juízo de valores (moral e/ou superego) para um costume ou realidade arquetípica junguiana (Penna, 2005) e, portanto se transforma em um ser acabado, concluído naquela realidade.

## **6. OBJETIVOS**

### **Objetivo geral**

O objetivo geral deste estudo é investigar se o aluno doutrinado pode construir a competência de modificar a sociedade onde vive para uma melhora-a.

### **Objetivos específicos**

1. Compreender o motivo da aceitação da inexistência do seu próprio ser como indivíduo.
2. Entender os principais motivos que interferem na percepção da realidade histórica.
3. Verificar as causas que levam à escolha de uma realidade arquetípica.
4. Identificar os motivos que levam o ser doutrinado ao assujeitamento de um ensino doutrinador.
5. Verificar se os participantes compreendem o que está subjacente à doutrinação e à aprendizagem.
6. Elencar o papel dos estudantes na sua própria aprendizagem.

## 7. ANTECEDENTES E ESTADO ATUAL DO TEMA

### 7.1. Conceito atual de estruturas, inato; o ser como indivíduo existe?

Interessa a este estudo saber se a fala egocêntrica sob os paradigmas piagetiano e vygotskiano são protagonizados pela criança ou pelo meio onde vive. Ao tratar da fala egocêntrica Vygotsky (1896-1934) apresenta duas formas, a comunicativa e a egocêntrica: “Do nosso ponto de vista, as duas formas, a comunicativa e a egocêntrica, são ambas sociais, apesar de as suas funções diferirem”. Vygotsky (1896-1934) conforme apresenta Mores (2001, p. 24). Vygotsky (1896-1934) passa a chamar a forma egocêntrica de discurso, a saber: “O discurso egocêntrico emerge quando a criança transfere as formas sociais cooperativas de comportamento para a esfera das funções psíquicas pessoais internas” Vygotsky (1896-1934) conforme apresenta Mores (2001, p. 24). Tal ponto de vista vygotskiano se aproxima muito do ponto de vista bakhtiniano (1895-1975) ao tratar do discurso contido nos romances de Dostoiévsky, conforme segue: “(...) as bases de uma nova lingüística cujo objeto já não é mais o enunciado, mas a enunciação, ou seja, a interação verbal” .

Vygotsky trás Piaget para a discussão sobre a tendência de ausência inata para o ser-indivíduo mesmo no momento da sua fala egocêntrica: “A tendência da criança para transferir para os seus processos internos os modelos anteriormente sociais é uma tendência bem conhecida que Piaget conhece muito bem” Vygotsky (1896-1934) conforme apresenta Mores (2001, p. 24).

Em outro contexto, Vygotsky (1896-1934) apresenta o discurso contido no diálogo entre dois bebês que ainda não desenvolveram a fala para postular um princípio de reflexão a partir do social, ou seja, um empírico absoluto sem nenhuma dependência do inato; o ser-social fazendo inexistir o ser-indivíduo, a saber: “(...) as discussões entre crianças dão origem às primeiras manifestações de reflexão lógica” Vygotsky (1896-1934) conforme apresenta Mores (2001, p. 24). Ainda, Vygotsky (1896-1934) distancia-se da ideia do inatismo ao reforçar a ideia de o ser humano nascer indivíduo e ir se socializando através da transformação do monólogo piagetiano em diálogo vygotskiano entre o indivíduo reflexivo e o indivíduo audível; sendo ambos o mesmo indivíduo, a saber: “Quando as circunstâncias a obrigam a deter-se para pensar, o mais certo é começar a pensar em voz alta” Vygotsky (1896-1934) conforme apresenta Mores (2001, p. 24).

A conclusão que Vygotsky (1896-1934) chega é a da existência de um ser indivíduo psicótico que tem seu eu cindido, no mínimo em dois, um que houve refletindo e outro que fala alimentando essa reflexão, e assim ele o classifica de ser autístico, a menos que o ser possa ser separado de seu pensamento, a saber:

O discurso egocêntrico, dissociado do discurso social geral, acaba com o tempo por conduzir ao discurso interior que serve simultaneamente o pensamento autístico e o pensamento lógico. O discurso egocêntrico como forma lingüística separada, autônoma é o elo genético altamente importante na transição entre o discurso oral e o discurso interior, um estágio intermediário entre a diferenciação das funções do discurso oral e a transformação final de uma parte do discurso oral em discurso interior. Vygotsky (1896-1934) conforme apresenta Mores (2001, pp. 24-25).

Pode-se perceber uma incoerência quando ele postula que “O discurso egocêntrico como forma lingüística separada, autônoma é o elo genético altamente importante na transição entre o discurso oral e o discurso interior” Vygotsky (1896-1934) conforme apresenta Mores (2001, p. 25). Tal reconhecimento de fator genético e/ou endógeno, assim como o de sua importância sustenta a referida incoerência que este estudo apresenta hipoteticamente como paradoxal, pois não pode haver meia existência. Portanto, existe, no mínimo, uma dialética vygotkiana entre a existência e inexistência de protagonismo na fala egocêntrica da criança como acontece também nas postulações piagetianas.

Este estudo não ignora tal incoerência paradigmática da inexistência do indivíduo endógeno em muitos estudos que se seguiram até culminar na afirmação de Boff de que: “a rigor o indivíduo não existe” (Boff, 2017, p. 1).

A análise que Adrián Oscar Dongo Montoya faz da postulação de Piaget conclui que ele procurava fundamentar uma teoria interacionista da formação do pensamento e da linguagem, mas escapava-lhe uma explicação psicológica endógena da evolução do pensamento (Montoya, 2006). Contudo, preferiu concluir com base paradigmática vygotkiana, conforme segue: “Basicamente, o desenvolvimento da fala interior depende de fatores externos: o desenvolvimento da lógica na criança como os estudos de Piaget demonstram, é uma função direta de sua fala socializada” (Montoya, 2006, p. 121).

## **7.2. Contradições da inexistência do inato no indivíduo**



Utilizando o termo “corpo próprio” (Piaget, 1986, p. 167) para o recém-nascido Piaget apresenta um ser objeto inconsciente de si mesmo que não faz diferença entre o seu corpo e o meio, porém, é nesta mesma indiferenciação que o ser encontra coerência, uma verdade para si mesmo, o que implica em um consciente que possa avaliar essa verdade e/ou essa coerência; contudo, Piaget postula que é nesta indiferenciação entre sujeito e objeto com posterior centração do objeto que, portanto, já seria sujeito capaz de centrar; o que significa movimentar recursos cognitivos, conforme segue:

Ora, as primeiras lições da análise psicogenética parecem contradizer essas pressuposições. De uma parte, o conhecimento não procede, em suas origens, nem de um sujeito consciente de si mesmo nem de objetos já constituídos (do ponto de vista do sujeito) que a ele se imporiam. O conhecimento resultaria de interações que se produzem a meio caminho entre os dois, dependendo, portanto, dos dois ao mesmo tempo, mas em decorrência de uma indiferenciação completa e não de intercâmbio entre formas distintas (Piaget, 1971, p. 134).

Falta nesta dependência tanto do sujeito em relação ao objeto e do objeto em relação ao sujeito àquela explicação psicológica de Montoya (2006), mas não apenas em relação aos fatores endógenos, mas também quanto aos fatores da evolução do pensamento (Montoya, 2006), pois, se o sujeito depende do objeto, esta qualidade de objeto já tem algo de sujeito e vice-versa. A indiferenciação não pode acontecer no vácuo que Piaget (1986) postula, conforme segue:

De outro lado, e, por conseguinte, se não há, no início, nem sujeito, no sentido epistemológico do termo, nem objetos concebidos como tais, nem, sobretudo, instrumentos invariantes de troca, o problema inicial do conhecimento será pois o de elaborar tais mediadores. A partir da zona de contato entre o corpo próprio e as coisas eles se empenharão então sempre mais adiante nas duas direções complementares do exterior e do interior, e é desta dupla construção progressiva que depende a elaboração solidária do sujeito e dos objetos (Piaget, 1971, p. 135).

Resta, portanto, nas teorias que estabelecem o paradigma da inexistência do ser-indivíduo apenas uma tentativa estressante para fundamentar uma dialética como mediadora entre sujeito/objeto no mesmo sofisma da dialética fonética entre os macacos chimpanzés e os seres humanos de Vygotsky (1896-1934): “Ora, acontece que encontramos no chimpanzé uma linguagem relativamente bem desenvolvida, que, sob certos aspectos — sobretudo

foneticamente — não deixa de ser semelhante à humana” conforme apresenta Mores (2001, p. 28).

Tais imposições dialéticas são hipoteticamente apresentadas neste estudo como imposições paradoxais com base não apenas na lógica de que o nada não pode produzir algo como anteriormente apresentado, mas com base nas postulações sobre a movimentação de recursos cognitivos que constroem conhecimento em espiral ascendente (Piaget, 1972) significando-os em assunções de Ausubel (Biasotto et al., 2020), pois, é possível, não apenas inferir, mas, também, detectar elementos de interação entre o empírico e o inato, a saber: entre o ser-indivíduo e o ser-social que reforça à hipótese da necessidade da existência de algo de sujeito no objeto na indiferenciação de Piaget (1986) para a construção de conhecimento.

### **7.3. Conceito de Aprendizagem**

Jacques Delors et al. (1998), ao lançar os quatro pilares da educação no Relatório para UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI (2001), preferiu apresentá-los numa taxonomia adversa daquela política-pedagógica de igualdade (educação para todos), a saber: primeiro vem o aprender a conhecer, depois o aprender a fazer, em seguida o aprender a viver juntos e finalmente o aprender a ser onde o indivíduo existe com toda a sua força, pois infere-se nesta taxonomia a hipótese de que ele passará a protagonizar sua própria aprendizagem, pois sairá da ZD potencial socializada no aprender juntos para a ZD proximal da competência de constituir-se sujeito da construção de sua própria aprendizagem tornando-se consciente de seu inacabamento (Freire, 2006). A Figura 7.1 deixa claro uma progressão de aprender que vai constituindo o sujeito e não um assujeitamento, conforme segue:

#### **Figura 7.1**

*Índice do relatório da UNESCO*

<b>CAPÍTULO 4: Os quatro pilares da educação</b> .....	<b>89</b>
<b>Aprender a conhecer</b> .....	<b>90</b>
<b>Aprender a fazer</b> .....	<b>93</b>
Da noção de qualificação à noção de competência .....	93
A “desmaterialização” do trabalho e a importância dos serviços entre as atividades assalariadas .....	94
O trabalho na economia informal .....	95
<b>Aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros</b> .....	<b>96</b>
A descoberta do outro .....	97
Tender para objetivos comuns .....	98
<b>Aprender a ser</b> .....	<b>99</b>
<b>Pistas e recomendações</b> .....	<b>101</b>
<b>CAPÍTULO 5: A educação ao longo de toda a vida</b> .....	<b>103</b>
<b>Uma exigência democrática</b> .....	<b>104</b>
<b>Uma educação pluridimensional</b> .....	<b>106</b>
<b>Novos tempos, novos campos</b> .....	<b>108</b>
<b>A Educação no coração da sociedade</b> .....	<b>111</b>
<b>Para um aproveitamento das sinergias educativas</b> .....	<b>116</b>
<b>Pistas e recomendações</b> .....	<b>117</b>

*Nota:* Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI” (Delors et al., 1998, p. 06).

A política-pedagógica no Brasil tem apresentado o terceiro pilar que é o de aprender a conviver como se fosse o único que importasse em suas Horas de Trabalho Pedagógicos (HTP) e, quando trata dos pilares de forma taxonômica, o aprender a viver juntos é apresentado como aquele pilar que ideologicamente finaliza toda a construção de conhecimento tornando o sujeito-indivíduo acabado e o objeto-socializado inacabado na socialização.

A referida política-pedagógica segue esta linha populista amparada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) que apresenta princípios básicos e/ou novos paradigmas educacionais a serem obedecidos com a força da lei, a saber: “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Lei de Diretrizes e Bases Da Educação Nacional, 1996, art 2º).

Como pode-se perceber estes princípios seguem a linha da inexistência do indivíduo para impor pela força de leis e diretrizes a existência de um cidadão. Tal existência desta qualidade de ser-social muda, definitivamente, o paradigma de Piaget (1971, p. 135) onde o ser nasce social e a sua maturação vai transformando-o conforme o paradigma de Vygotsky (1896-1934) onde o ser nasce indivíduo-inexistente para ir se tornando em um ser social agora cidadanizado por política pedagógica que faz inexistir o indivíduo e exalta o social através do Aprender a viver bem (Delors et al., 1998).

Com isso a taxonomia de Delors et al. (1998) foi modificada em sua ordem para dar maior importância ao ser-social, ou seja, aprender a conviver bem e nenhuma importância no aprender a ser. Paradoxalmente, a ciência da epistemologia e/ou da vida não pode basear-se em outra coisa a não ser no protagonismo da própria vida que a princípio é inata ao ser-indivíduo, pois não depende do ser socializado para que ela aconteça em paralelo.

A movimentação de recursos cognitivos de Piaget (1976) não evidencia a inexistência do ser-indivíduo pelo fato de que as informações processadas nessa movimentação vieram do empírico-social porque este processamento ao ser significado apresenta novas cores, nuances e tendências que encantam e ou surpreendem a sociedade, como por exemplo, as atitudes que a criança vai devolvendo ao social durante o seu desenvolvimento que, por sua vez, evidenciam assunções ausubianos (Biasotto et al., 2020), ou seja, algo existiu como inato para dar àquelas nuances às informações processadas.

O paradigma piagetiano fundamenta, ainda, que o protagonismo deve acontecer durante processo da movimentação de recursos cognitivos e não ao final dele, pois deste protagonismo depende a abertura do ângulo da espiral ascendente na construção do conhecimento de todo o ser que aprendeu a ser e, agora pode gerenciar o seu próprio conhecer, fazer e conviver. Estaria assim desenvolvida a competência de transformar a sociedade onde vive, contribuindo para a sua constante modificação para melhor convívio de todos. Portanto, é a socialização alcançada através da aprendizagem do ser protagonista que pode de fato construir competência relevante a própria socialização e não da doutrinação que tende a extinguir o indivíduo para fazê-lo conviver sem que desenvolva àquela competência de transformar o meio em que vive.

A taxonomia das fases do desenvolvimento de Piaget (1986) apresentada por Delors et al. (1998) confirma a premissa de que apenas o aluno sujeito da sua própria aprendizagem adquire a competência do inconclusão do ser inconcluso de Freire (2006) pois aprenderá a vida toda; esse aprender não terá limites. A taxonomia de Vygotsky (1896-1934) modificou a ordem das quatro colunas de Delors et al. (1998) (Figura 7.1) inferindo uma inexistência do indivíduo agindo para modificar, superar ou potencializar o estado anterior inato com reflexo no empírico e recebendo deste empírico informações novas que serão atualizadas na movimentação de recursos cognitivos (Piaget, 1976), significadas nos assunções ausubianos (Biasotto et al., 2020) e devolvidas à sociedade como um tesouro inestimável.

#### **7.4. Referências da sociedade acadêmica educacional**

Glenday (2008) postula que a teoria da competência linguística do falante de Chomsky (1968) enfatizava a existência do inato ou ser-indivíduo que teorizava na movimentação de recursos inatos e empíricos para adequar uma explicação, ou seja, naturalmente a competência linguística do falante movimentava recursos inato-empírico para significar uma língua nativa, o ser-indivíduo em Chomsky (1968) é uma realidade histórica, a saber:

Na medida em que a teoria linguística consegue selecionar uma gramática descritivamente adequada com base em dados linguísticos primários, podemos dizer que ela satisfaz a condição de adequação explicativa. Ou seja, nessa medida oferece uma explicação da intuição do falante nativo a partir de uma hipótese empírica relativa à predisposição inata da criança para configurar certo tipo de teoria para lidar com os dados que lhe são apresentados (Glenday, 2008, p. 26).

A LDB (1996) estabeleceu as diretrizes para o currículo que deixou de ser proposta para ser normatizadora através da BNCC (2017) considerando proposições de pesquisas da sociedade acadêmica educacional resultante “Dos Princípios e Fins da Educação Nacional” da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996, art. 2º) condensados na descrição contida em seu art. 2º “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Lei de Diretrizes e Bases Da Educação Nacional, 1996, art. 2º).

Perrenoud (1999) trouxe a teoria de construção de competências para servir ao ser-social quase que paralelamente à Gardner (1995) que trouxe a teoria das Múltiplas Inteligências para servir ao ser-indivíduo. O ser-indivíduo foi por pouco tempo valorizado na sua pluralidade das sete inteligências, a saber: lógico-matemática, cinestésica-corpórea, linguística, interpessoal, intrapessoal, espacial, musical, acrescentando-se posteriormente a existencial e a naturalista e evoluindo em seguida para a cinco mentes do futuro. Gardner (1995) protagonizou o auge do ser-indivíduo, mas foi Perrenoud (1999) que se apresentou mais interessante ao social sendo o escolhido da política-pedagógica que seguiu apagando a ideia da existência do ser-indivíduo no ninho da aprendizagem escolar, a saber; a própria escola.

Esta Nova Escola institucionalizada foi a principal fonte de suporte para a formação de professores que, hipoteticamente, passaram por uma doutrinação através desta instituição que dominou como veículo midiático de suporte político-pedagógico sob o disfarce de formadora da nova educação; o que infere que a grande massa dos professores não construíram a competência de protagonizar a sua própria aprendizagem.

Bakhtin (1895-1975) introduz as vozes dos outros através das análises que fazia dos romances de Dostoievsky condenando o foco narrativo autor-onisciente porque este foco não considerava as vozes das personagens da narrativa romântica. Ele afirmava que essas vozes tinha que sair do plano do enunciado que ele considerava onisciência, verdade absoluta, objetividade e certeza do autor para o plano da enunciação que era a interação das vozes que quebram o monólogo estético e/ou formal do enunciado para produzir catarse mais intensa através da verossimilhança, subjetividade e incerteza de um autor não onisciente o que seria mais apropriado ao romance, a saber:

É nos mesmos anos que Bakhtin se empenha em lançar as bases de uma nova lingüística, ou, como dirá mais tarde, “translingüística” (o termo em uso hoje seria antes pragmática”), cujo objeto já não é mais o enunciado, mas a enunciação, ou seja, a interação verbal. Depois de haver criticado a lingüística estrutural e a poética formalista, que reduzem a linguagem a um código e esquecem que o discurso é acima de tudo uma ponte lançada entre duas pessoas, elas próprias socialmente determinadas, Bakhtin formula propostas positivas para esse estudo da interação verbal na última parte de seu Dostoïevski e no longo ensaio sobre “O discurso no romance”. Ele analisa, em especial, a maneira pela qual as vozes dos outros (autores anteriores, destinatários hipotéticos) se misturam à voz do sujeito explícito da enunciação (Bakhtin, 1997, p.15).

Bronckart (2007) se apoia em Bakhtin (1895-1975) para postular sobre os dois mundos que ele apresenta, a saber: o mundo do expor que é aquele mundo tedioso do autor onisciente que vai culminar no texto expositivo de dissertações e teses e o mundo do narrar encontrado no texto literário de Souza (2007). Tais tendências interativas de Bakhtin alimentou o ser-social que preferiu permanecer o tempo todo cheio de vontade de viver sorrindo com as ironias de Bakhtin (1895-1975), a saber:

Bakhtin mantém sua observação, segundo a qual em nosso mundo contemporâneo é impossível assumir uma verdade absoluta, e devemos nos contentar em citar ao invés de falar em nosso próprio nome; mas não acrescenta mais nenhuma condenação nem pesar a essa constatação: a ironia (é assim que ele chama agora esse modo de enunciação) é nossa sabedoria, e quem ousaria hoje proclamar verdades? Rejeitar a ironia é optar deliberadamente pela “tolice”, limitar-se a si mesmo, estreitar o horizonte (cf. Estetika, p. 352): é assim que procede Dostoievski em seus escritos jornalísticos. A única outra possibilidade – mas esta, nem por isso, nos permite encontrar o absoluto –

seria colocar-se à escuta do ser, como recomenda Heidegger (ibid., p. 354) (Bakhtin, 1997, p. 9).

Este princípio de felicidade com base em realidade arquetípica junguiana (Penna, 2005) precisava de um paradigma adequado, com base no qual o ser-indivíduo pudesse, apenas, nascer para que a partir de sua inexistência pudesse evoluir para a existência de um ser-social. A inconsciência do sofisma contido na falta da razão pura (Kant, 1724-1804) deste paradigma se constituiu no processo de uma existência criativa inconsciente (id) que não perturbará mais a sua moral (superego).

A realidade histórica em que o estado consciente (ego) do ser-indivíduo se apega é a realidade do mundo do expor de Bronckart (2007) que se alimenta do stress das sinapses de Izquierdo (1993) que postula sobre a impossibilidade de haver aprendizagem sem que haja stress (Izquierdo, 1993) e, finalmente, aquele mundo do enunciado de Bakhtin (1895-1975), a saber: verdadeiro, objetivo, não irônico e de poucas vozes que não pode atender à vontade criativa pulsionada pelo inconsciente (id) das muitas vozes.

Portanto resta a hipótese de que a vontade de viver sorrindo tenha sido a causa de a socialização ter se vestido de corroboração para criar paradigmas que pudessem atender a criatividade das pulsões daquela realidade arquetípica junguiana.

Quando a LDB (1996) definiu como objetivo e princípio o “exercício da cidadania”(Lei de Diretrizes e Bases Da Educação Nacional, 1996, art. 2º) já definiu o ser-indivíduo como um ser social que não seria mais reconhecido pela biologia, psicologia ou psicomotricidade de seu DNA, mas pelo sistema de Registro Geral (RG) ou pelo Cadastro de Pessoa Física (CPF). No Registro escolar o RG é chamado de Registro do Aluno (RA) para introduzi-lo através da convenção político-pedagógica ao sistema das *Key competences* (Competências Chaves) escolhidas por especialistas da educação na UNESCO no ano de 2006, para amadurecer somente em 2011, a saber:

Este quadro foi proposto na Recomendação sobre competências essenciais para a aprendizagem ao longo da vida, adotada pelo Parlamento Europeu e pelo Conselho em dezembro de 2006, após cinco anos de trabalho de peritos e funcionários públicos que colaboraram no Método Aberto de Cooperação. Define oito competências essenciais: - Comunicação na língua materna - Comunicação em língua estrangeira - Competência matemática e competências básicas em ciência e tecnologia - Competência digital - Aprender a aprender - Competência social e cívica - Sentido de iniciativa e empreendedorismo - Consciência cultural e expressão (Halász & Michel, 2011, p. 291).

Como pode-se perceber o paradigma taxonômico de Delors (2003) foi modificado para um paradigma sem nenhuma ordem de classificação, contudo, o “aprender a aprender” ou “aprender a conhecer” de Delors et al. (1998) parece não pertencer a lógica do grupo das competências acima apresentadas, o que gera a possibilidade de introduzi-lo em qualquer uma das *key competences* (Halász & Michel, 2011). Em um curto espaço de tempo a competência da consciência cultural se transformou na lei da diversidade onde diversos seriam todos que ideologicamente quisessem ser, passando a não considerar mais a realidade histórica e nem a razão pura (Kant, 1724-1804), mas apenas a realidade arquetípica junguiana (Penna, 2005).

Marcuschi (2001) percebeu a importância de se discutir sobre a necessidade da formação das competências de tecnologia (3) e digital (4) antes de alguns de seus pares o que, sem dúvida alguma, impulsionou as discussões da UNESCO sobre as *Key competences*, conforme segue: “Embora alguns autores julguem desnecessário, acredito ser razoável indagar-se sobre a presença do hipertexto no domínio das atividades escolares, particularmente no que se refere às práticas da escrita” (Marcuschi, 2001, p. 80).

A tecnologia como a água que se molda a tudo silenciosamente, mas com total domínio no envolvimento, também, se amoldou ao social e foi promovendo classificações sociais ao promover igualdade de interfaces para todos como delibera a LDB (1996) em seu artigo 3º, a saber: “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; e liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber” (Lei de Diretrizes e Bases Da Educação Nacional, 1996, art. 3º inciso I e II).

Quando a taxonomia da realidade histórica das competências desenvolvidas na liberdade que todos tiveram de aprender passou a ser percebida, muitos usuários continuaram fruindo a literatura do mundo do narrar de Bronckart (2007) envolvidos nos algoritmos daqueles que construíram a competência de estarem no topo da pirâmide e com foco narrativo de autor-onisciente que conduziam brilhantemente as cordas de seus marionetes os quais permaneceram livres da opressão do mundo do expor (Bronckart, 2007). Assim as competências de tecnologia (3) e digital (4) socializadas nos princípios da igualdade para todos não puderam evitar resultados diferentes daqueles que agora se apresentam, a saber: “nós evoluímos para nos preocuparmos se outras pessoas da nossa tribo vão pensar bem ou mal de nós; nós evoluímos para saber o que 10.000 vão pensar de nós...” (Keo & LaSalli, 2020, , pp. 1h27m09seg - 55m16seg).

Também, houve muita corroboração nas referências educacionais bibliográficas quanto a conceituação do tema diversidade que ganhou força em grupo bem determinado devido ao



tempo investido no diálogo circunscrito aos interesses daqueles que discutiam o referido tema que se estabeleceu fortemente na BNCC (2017). As disciplinas curriculares que eram do mundo do expor (Bronckart) e privilegiavam a desigualdade e prejudicavam a diversidade através de imposição da ciência, principalmente a ciência biológica, foram cedendo espaço para que novas competências gerais fossem normatizadas, conforme segue: “A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver” (Base Nacional Curricular Comum, 2017, p. introdução).

Portanto, a corroboração nas referências de autores brasileiros na área da educação consolida-se na Base Nacional Curricular Comum que estabelece o paradigma vygotskiano (1986-1934) de priorizar o social e questionar a relevância da existência do ser-indivíduo. O protagonismo do sujeito na sua própria aprendizagem passa a ser normatizada o que exclui a possibilidade daquele protagonismo na própria aprendizagem. Os resultados da implantação dessa normatização serão colhidos nos anos que seguem, mas hipoteticamente, esses resultados poder se constituir em uma situação antropofágica adversa, como por exemplo, um doutrinação exacerbada muito similar ao Reino de Cráudio (Silva, 2022) que é a literatura escolhida para dar suporte ao questionário de pesquisa.

## **7.5. Conceito de Doutrinação, indução, condicionamento**

Miguel Nagib (2016), advogado e fundador da Escola sem Partido dá uma entrevista para a revista época sobre o problema da doutrinação versus neutralidade nas escolas, conforme segue: “Segundo uma pesquisa realizada pelo Instituto Sensus em 2008, 80% dos professores admitem que seu discurso em sala de aula é “politicamente engajado”. Eles reconhecem promover suas preferências políticas, ideológicas e, eventualmente, partidárias na escola” (Nagib, 2016, p. 1).

O que interessa a esta pesquisa do estudo da entrevista de Nagib (2016) é a definição que Oliveira et al. (2019) deram à palavra doutrinação a partir da análise da entrevista de Nagib (2016) a saber: “(...) doutrinar ideologicamente os estudantes, visando à formação e propagação de uma mentalidade social favorável a (...)” (Oliveira et al., 2019, p. 269).

Sylvia Constant Vergara et al. (2005) apresenta o tema Universidades Corporativas: Educação ou Doutrinação? Onde trata da doutrinação no meio corporativista trazendo o significado de alienação que é o campo semântico da palavra doutrinação considerado nesta

pesquisa: “na era do conhecimento em que vivemos, as formas de doutrinação são sutis; não raro os doutrinados não as percebem” (Vergara et al., 2005, p. 168).

A palavra doutrinação acolhe o sentido do aprender a viver juntos se equiparando tanto aos princípios das *Key competences* quanto aos princípios das competências normatizadas na LDB (1996) e BNCC (2017), mas distancia-se de qualquer princípio protagonista que o aprender a ser (Delors et al., 1998) possa inferir. Finalmente, condiz com a anulação do indivíduo feita por Boff (2017) através da imposição de uma metafísica de costume (Kant, 1724-1804) normatizada por uma ética de leis e diretrizes, que apresenta uma parte empírica que consiste numa antropofagia que embora não coma carne humana se alimenta de sua liberdade de protagonizar sua própria aprendizagem.

## **7.6. Teoria das tríades**

Wallon (1879-1962) apresenta as dimensões cognitiva/ motora/ afetiva, Freud (1856-1939) apresenta as dimensões Id/ego/superego e Netter (2019) apresenta os sistemas morfológicos: Lobos do Telencéfalo (LT), Sistema Límbico (SL) e Sistema Nervoso Central (SNC) que Silva (2020) chamará de tríades e fará relação entre elas, conforme segue: “A inter-relação das tríades” (Silva, 2020, p. 1): psicomotora (afetividade/ cognição/ motricidade) (Dantas et al., 1992), psicanalítica (id, ego e superego) (Lima, 2010) e morfológica (Lobos do Telencéfalo/ Sistema Límbico/ Sistema Nervoso Central) (Netter, 2019)” (M. L. Silva, 2021, p. resumo).

Deivson Onasis Siqueira Silva & Inguaggiato (2016) Silva em seu trabalho de Conclusão de Curso submetido à Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, como requisito do Curso de Pós-graduação lato sensu Psicomotricidade apresenta uma outra visão de tríade psicomotora, mas que corrobora com a tríade de Silva (2020) a saber:

Dirige-se à personalidade, à sua expressão e organização através das atividades humanas de relação, realização e criação. Compreende aspectos motores (AGIR), emocionais (SENTIR) e intelectuais (PENSAR) envolvida numa argumentação interna que se fundamenta nos níveis orgânicos, sociais e psicológicos do ser humano, em toda sua complexidade (Silva & Inguaggiato, 2016, p. resumo).

## **7.7. Fatores de condicionamento**

Marta Mateus de Almeida direciona o seu estudo sobre fatores condicionantes para fatores endógenos e exógenos que além de corroborar com a existência do ser-indivíduo existente no ser-social. Almeida (2015) materializa estes fatores naquelas condições de ensino que valoriza o protagonismo do ser que aprende a ensinar, a saber:

A conceptualização de desenvolvimento profissional que adotamos inscreve-se numa abordagem dialética, em que as dimensões endógena e exógena envolvem um conjunto de fatores que influenciam os processos de tomada de decisão e de ação do professor, recaindo em todas as vertentes da sua vida pessoal e profissional, tendo por isso que ser assumidos como interdependentes e indissociáveis (...). Os fatores de natureza endógena remetem-nos para a complexidade da vida interior de cada sujeito, integrando as suas características pessoais, bem como os processos particulares de significação e de ação perante as situações (Almeida, 2015, p.68).

O princípio de Almeida (2015) pode ser aplicado tanto na intervenção psicopedagógica clínica quanto na institucional, pois, trata-se de princípios endógenos e realidades exógenas inerentes a episteme e ao comportamento do ser humano tanto em ambientes educacionais clínicos quanto profissionais institucionais. Quanto aos fatores endógenos ela apresenta os seguintes princípios epistêmicos:

Particularmente, ao nível do ensino superior, diversos autores chamam a atenção para a influência dos traços pessoais (...). Por exemplo, Cafarella e Zinn (1999) salientam entre outros aspetos, o papel das motivações internas e das perceções do eu (por exemplo, a autoeficácia) nas formas de atuação dos docentes e Mora e Gómes (2007) apontam fatores como a consciência de si mesmo, a motivação, o compromisso, a iniciativa e o otimismo que consideram competências emocionais, bem como a empatia e outras habilidades sociais (por exemplo, de gestão de conflitos, de trabalho em equipa, de comunicação) como fundamentais (Almeida, 2015, pp. 68-69).

Os fatores pessoais e contextuais conversam entre si de forma que até os traços característicos do indivíduo é um fator que condiciona a resposta do meio em que vive, contudo, interessa a esse estudo a dimensão emocional que é apresentada como essencial para a aprendizagem do professor quanto o que é relevante no seu papel de ensino conforme apresenta Almeida (2015), a saber:

Para Fessler e Christensen (1992) os percursos individuais são marcados por fatores de natureza distinta: fatores pessoais e fatores contextuais. São assinalados como fatores pessoais as etapas da vida biológica do sujeito e os traços característicos do indivíduo,

a vida pessoal e familiar, os episódios críticos positivos e, por outro lado, as crises, e ainda as atividades que desenvolva de raiz não profissional (hobbies, desporto, voluntariado...). Vem sendo ainda apontada na literatura a dimensão emocional, como essencial para a compreensão do professor e da sua atuação (Almeida, 2015, p. 69).

Fatores que condicionam as nossas tomadas de decisões, expressões, acuidade da respiração, emoções etc. são tantos que só é possível abarcá-los fazendo referência à vida. Esta pesquisa recorta alguns poucos fatores condicionantes, porém fortemente utilizados para induzir a uma doutrinação sem descartar a possibilidade da utilização deles para a aprendizagem. Tais fatores são condicionantes para a doutrinação, mas motivadores para a aprendizagem; o que importa para esta pesquisa é a verificação de como e com que potencial tais fatores de um lado potencializam a desestabilização para em seguida estabilizar a dimensão afetiva para a aprendizagem e, de outro lado, como eles potencializam a desestabilização para em seguida convencionar a emoções para a aceitação de uma convenção e/ou doutrinação conforme afirma Queiroz et al. (2011), a saber:

Piaget (1976) afirma que a equilibração é um processo regulador o qual permite que novas experiências e elementos exteriores sejam, com sucesso, incorporados às estruturas mentais e cognitivas pelas quais os indivíduos intelectualmente se adaptam e organizam o meio. No contexto do desenvolvimento cognitivo, configura-se como processo de passagem do desequilíbrio para o equilíbrio, conceitos fundamentais para essa teoria (Queiroz et al., 2011, p. 269).

## **7.8. A doutrinação alterando o juízo de valor**

A doutrinação no sentido investigado neste estudo atinge o seu estágio mais avançado quando consegue alterar o juízo de valor do ser doutrinado distanciando-o do ser-indivíduo e aproximando-o do ser social. O pragmatismo do ser social tende a desenvolver práticas sociais e, portanto, as escolhas destas práticas confirmam a equilibração do juízo de valor e/ou da nova moral e/ou do novo superego. Este novo ser-social pode regredir de um ser sociável, que vive bem em comunidade, submisso, atento as instruções e práticas sociáveis para um ser-doutrinado, pseudólogo fantástico do tipo seduzido, mitomaníaco do tipo induzido por qualquer mentira que venha da realidade arquetípica junguiana convencional.

Este último estado causa impedimento da construção de qualquer competência necessária para mudar este estado de coisas e, portanto, para transformar o meio em que vive.

Neste estágio não haverá mais protagonismo e, portanto, não haverá sujeito protagonizando sua própria aprendizagem. Finalmente, este ser doutrinado atingirá o seu acabamento e/ou a sua conclusão no seu juízo de valor, na sua moral, no seu superego. Este ser doutrinado, não formará mais assunçoes ausubianos (Biasotto et al., 2020), pois não significará mais nenhum resultado de sua movimentação de recursos que finalmente, seu juízo de valor entenderá ético, justo e justificável não movimentar nada como ser indivíduo desejando obter resultados adversos do social que equilibrou suas tríades.

### **7.9. Diferença entre estar convencido e estar doutrinado**

Estar convencido de algo como resultado da perturbação/acomodação sem perder o protagonismo da aprendizagem pela investigação que busca informações para a movimentação de recurso cognitivos e o significa imediatamente com as nuances do ser-indivíduo para devolvê-lo a sociedade de forma pragmática e construtiva de convencimentos forjados na realidade histórica não significa estar doutrinado, mas convencido.

A locução/interlocução, o diálogo envolve um plano de enunciação com as muitas vozes de Bakhtin (1895-1975) onde é possível definir as funções das linguagens daquelas vozes bakhtinianas nas suas especificidades e intencionalidades, como por exemplo: se é opinião, argumento, narrativa, explicação etc.; se há distanciamento intencional entre o mundo do expor e o mundo do narrar, ou seja, entre o texto expositivo (dissertações e teses) e o texto informativo (publicitário) sempre querendo vender uma ideia manipulando um fato, prova ou evidência.

A compreensão das propostas das muitas vozes do plano da enunciação de Bakhtin (1895-1975) pode convencer o sujeito de sua própria aprendizagem das intenções destas mesmas vozes. Em vias de regra, o ser doutrinado não as distingue por ele mesmo por estar sempre atento as distinções que receberá do plano da enunciação. A revista Nexa apresenta uma entrevista com Queiroz et al. (2011) que explica que uma discussão respeitosa e produtiva tende a se afastar das falácias, a saber:

Há centenas de falácias conhecidas e estudadas, mas a lista é potencialmente infinita. Há falácias lógicas, falácias estruturais, falácias de analogia, falácias emocionais, etc. Uma falácia é um mau argumento que não pode ser reparado. As pessoas gostam das falácias com rótulos em latim, que soam poderosas, e supostamente são usadas por advogados, ou podem ser usadas para impressionar o oponente (Queiroz et al., 2011, p. 1).

É esta significação induzida pelas falácias daquelas muitas vozes de Bakhtin (1895-1975) que transfere a movimentação de recursos cognitivos do ser doutrinado para o ser doutrinador apresentando àquele a falsa ideia de que todo o processo de construção, tanto do conhecimento como do juízo de valor, tivesse sido protagonizado pelo doutrinado, como se o aprender a ser tivesse tido prioridade para que o conviver presenteasse ao social um ser capacitado a transformá-lo e não apenas ser transformado por ele. Neste sentido um ser isento de qualquer contribuição para com o social. O que se percebe na dialética aprendizado/doutrinação ou mesmo no paradoxo entre elas é que não é o indivíduo que não existe, mas sim a ausência de construção da própria aprendizagem juntamente com a indução à doutrinação; ou há construção de um lado, ou há a construção do outro, pois, o estado de inércia é o que não existe. Portanto, aprender a ser é prioritário a todo ser que aprende a atingir o convencimento apesar das falácias das muitas vozes do mundo do narrar.

#### **7.10. Alguns fatores condicionantes à doutrinação do indivíduo**

O empírico considerado neste estudo, o que não é inato, não se resume ao meio e/ou social sem considerar demais fatores que individualizam usuários das redes sociais e/ou indivíduos para uma dispersão seletiva e condiciona os interesses destes aos interesses daqueles que causam tal dispersão e condicionamento, o que significa formatar tipos de inatos, juízos de valores, morais, superegos induzidos que não consideram características, e/ou prerrogativas individuais. O estilo de aprendizagem do inato-empírico vai se rendendo a uma “individualização” inata, induzida, convencionada e dispersa, dando cada vez mais convicção ao ego e/ou dimensão cognitiva de descoberta de um eu interior adormecido e não de uma indução, o que seria repugnante ao inato ora condicionado o tal reconhecimento de se ter deixado induzir.

Compreendendo a complexidade que envolve seus alunos, os professores podem utilizar estratégias de ensino também complexas, complexidade esta que manipule especificidades afetivas e, portanto, efetivas se bem utilizadas contra a abdução de seus alunos e deles próprios conforme apresenta Silva (2020), a saber:

Ainda, somados aos benefícios apresentados, há o fato de que os professores poderiam obter resultados relevantemente mais positivos ao lidar de maneira mais informada com a dimensão afetiva de seus alunos, pois a informação continuada traria maior clareza quanto ao que esperar de seus alunos (Silva, 2020, p. 59).

Manipular dados, coisas e mentes humanas se equipara a magia se não for obedecido critérios que garantam provas, fatos, evidências materializadas numa demonstração que não seja apenas convincente, mas, também, aceitável ao inato ainda não modificado e ao empírico social não dispersor e/ou indutor; portanto, verdadeiro ao indivíduo original e a convenção não dispersora e/ou indutora que ele compõe ou pretende compor.

As convenções sociais que têm seus interesses demonstrados nos algoritmos por elas impostos aos indivíduos que a compõe podem, também, impor através de estratégias convencionadas uma metafísica de costume alopático para determinados fins, como por exemplo, o uso de Ritalin na educação ou de Hidroxicloroquina, Ivermectina e vacinas na pandemia da covid-19. Porém, os efeitos colaterais nos costumes serão sempre mais relevantes para a convenção do que os efeitos colaterais alopáticos.

A substância cloridato de metilfenidato um dos fatores condicionantes apresentado nesta pesquisa, também objeto da pesquisa de Pastura & Mattos (2004) apresenta efeitos colaterais relevantes apenas na falta de apetite, insônia, dores de cabeça e abdominais para um único resultado positivo), embora não muito relevante para a diminuição da irritabilidade. Izquierdo (1993) postula sobre a potencialização da memória através das benzodiazepinas que estimulam a aprendizagem, pois geram as sinapses e, portanto, provocam stress e irritabilidade: “Observamos que as benzodiazepinas são liberadas em situações que induzem memória em ratos, ou seja, em situações de aprendizado” (Izquierdo, 1993, p. 9), mas ele também apresenta o “ácido gama-aminobutírico (GABA), neurotransmissor que inibe a comunicação entre as células nervosas” (Izquierdo, 1993, p. 9) tirando o stress e a irritabilidade. “Angel Deblas descobriu que essas substâncias também estão presentes no cérebro” (Izquierdo, 1993, p. 9). A substância cloridato de metilfenidato tem efeito antagônico as sinapses similar ao GABA, a diferença é que este último não tem efeitos colaterais e é eficaz no equilíbrio da dimensão afetiva que, por sua vez poderá servir de instrumento para a equilibração de todas as tríades.

LaSalli em seu documentário O Dilema das Redes (Keo & LaSalli, 2020) feito para a Netflix apresenta outro fator condicionante onde Chamath Palihapityia aos 39m e 37s começa a falar sobre a necessidade que as pessoas têm na atualidade de agir com base nas convenções das redes sociais que são matrizes personalizadas. Essas redes não formam mais matriz de matrizes; não existe um governo único e/ou mundial que possa controlá-las. Cada convenção e/ou rede de interesse tende a fazer suas próprias leis segundo seus próprios interesses e, portanto, não se ligam entre si numa lógica matemática-matricial.

A imaterialidade de algoritmos e/ou fatores condicionantes da psique cria paralaxe cognitiva que “Nada dizem sobre o mundo em que foram pensadas; Nada dizem sobre as pessoas que as pensaram; Tudo dizem sobre um mundo inventado no qual elas não estão” (Carvalho, 2015, p. 1). Percebe-se aqui, também, a ênfase na realidade no mundo narrativo, verossímil, catártico, métrico e universal. Este é o caminho percorrido nas redes sociais e a tecnologia cria logs que atendem interesses e aprendem a aprender e a fazer, mas não aprendem a ser e nem a conviver o que os torna em uma verdadeira movimentação de recursos cognitivos artificiais.

A língua é outro fator condicionante e vale a pena lembrar que o estudo concluído por Marcuschi (2001) constata que a língua é um produto cultural e está ligada de forma tão intensa à cultura que a língua de fato se regula na cultura. Assmann (2012) abre a sua pesquisa postulando que a sociedade já na época da pesquisa chamada por ele mesmo de sociedade da informação tinha a necessidade de tornar-se uma sociedade aprendente e que as novas tecnologias da informação estavam configurando as tais ecologias cognitivas desta sociedade. Configurar as ecologias cognitivas a partir das novas tecnologias entende-se aqui como formatar a dimensão cognitiva a partir de matrizes lógicas muito similar ao “ladrilhar” do sermão da sexagésima de Vieira (1984) e finalmente teríamos o fator condicionante chamado de enquadramento mental como resultado das novas tecnologias, a saber:

As palavras são as estrelas, os sermões são a composição, a ordem, a harmonia e o curso delas. Vede como diz o estilo de pregar do céu, com o estilo que Cristo ensinou na terra. Um e outro é semear; a terra semeada de trigo, o céu semeado de estrelas. O pregar há-de ser como quem semeia, e não como quem ladrilha ou azuleja. Ordenado, mas como as estrelas: *Stellae manentes in ordine suo*. Todas as estrelas estão por sua ordem; mas é ordem que faz influência, não é ordem que faça labor. Não fez Deus o céu em xadrez de estrelas, como os pregadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se de uma parte há-de estar branco, da outra há-de estar negro; se de uma parte dizem luz, da outra hão-de dizer sombra; se de uma parte dizem desceu, da outra hão-de dizer subiu. Basta que não havemos de ver num sermão duas palavras em paz? Todas hão-de estar sempre em fronteira com o seu contrário? Aprendamos do céu o estilo da disposição, e também o das palavras. As estrelas são muito distintas e muito claras (Vieira, 1984, pp. 34-35).

Provavelmente se Vieira vivesse nos dias dessa sociedade do conhecimento em que as ecologias cognitivas de Assmann (2012) estão sendo configuradas e/ou formatadas pelas novas tecnologias ele acrescentaria em seu texto: se de um lado é “1” do outro tem de ser “0”.



Outro fator condicionante é percebido na pesquisa de Moreira (2018) que apresenta na tecnologia do 5G a possibilidade de potencialização da eficiência dos algoritmos das redes sociais uma vez que essa tecnologia achata e diminui o tamanho das ondas de hertz trazendo-as mais para próximo das comunidades e de suas especificidades com o aumento da velocidade e torna de vinte vezes conforme apresenta Diaz (2021) e, considerando não apenas as diferenças diafásicas (fases do desenvolvimento) e diastráticas (estrato social), mas também diatópicas (regionais) aperfeiçoando os algoritmos que aprendem a ser cada vez mais específicos e personalizados quase a ponto de serem mesmo personificados, como por exemplo, a potencialização da eficácia no uso da psicologia das cores que Clemente (2020) apresenta como uma ferramenta que se vale do uso de paletas de cores envelopadas para induzir o usuário a tomadas de decisões determinadas pelo algoritmo da interface que já aprendeu a aprender como direcionar o usuário tanto para a especificidade da suas diferenças através da precisão da regionalização possibilitada no 5G quanto para a inserção desse mesmo usuário no contexto global formatado naquela psicologia das cores fazendo com que o ladrilhar de Vieira (1984) e/ou convenções humanas se tornem cada vez mais específicas, mais personificadas e, finalmente, mais fáceis de serem controladas pelos referidos algoritmos, como se vê na postulação conforme segue:

Significado da cor amarela: assim como o vermelho, o amarelo possui característica de estimulante de apetite – podemos observar que, junto ao vermelho das marcas do MC Donalds e Burger King, o amarelo tem destaque. No entanto, se usado separadamente, a cor pode transmitir ideia de otimismo, uma vez que é considerada uma cor acolhedora. Geralmente é usado para sinalizar situações em que é preciso ter cuidado e atenção. de passar uma sensação de transparências nas negociações com os clientes (Clemente, 2020, p. 1).

Uma geração formatada nos protocolos dos algoritmos das redes sociais abre o caminho para que estes algoritmos atuem livremente não apenas nas suas ecologias cognitivas e/ou na sua dimensão cognitiva, mas principalmente nos seus superegos e/ou na sua moral, nos seus juízos de valores, mais especificamente, os valores ideológicos, lembrando que a ideologia, a princípio, foi postulada por Paulo Freire (2006) como miopia; uma falta de visão além do contexto real, a saber:

O poder da ideologia me faz pensar nessas manhãs orvalhadas de nevoeiro em que mal vemos o perfil dos ciprestes como sombras que parecem muito mais manchas das sombras mesmas. Sabemos que há algo metido na penumbra mais não o divisamos bem.

A própria "miopia" que nos acomete dificulta a percepção mais clara, mais nítida da sombra. Mais séria ainda é a possibilidade que temos de docilmente aceitar que o que vemos e ouvimos é o que na verdade é, e não a verdade distorcida. A capacidade de penumbrar a realidade, de nos "miopizar", de nos ensurdecer que tem a ideologia faz, por exemplo, a muitos de nós, aceitar docilmente o discurso cinicamente fatalista neoliberal que proclama ser o desemprego no mundo uma desgraça do fim do século. (Freire, 2006, p.48).

Hoje o contexto ideológico se apresenta através de um microscópio significando o inato a partir de um empírico formatado numa metafísica de costume e não mais na realidade. Costumes estes cada vez mais mimificados ou internalizados a partir de convenções cada vez mais reduzidas a um conceito de contextualização que dará ênfase maior a Zona de Desenvolvimento Potencial de Vygotsky (1896-1934), zona em que a criança assujeita-se a socialização para desenvolver a sua aprendizagem ao mesmo tempo em que vai eliminando a possibilidade de uma Zona de Desenvolvimento Proximal específica (Vygotsky, 1896-1934) onde a criança pode ser sujeito de sua própria aprendizagem, ou seja, tirou de um inato significado nos açunssores ausubianos (Biasotto et al., 2020) para estabelecê-la num empírico contextualizado nas muitas vozes de Bakhtin (1895-1975) próprias do mundo do narrar de Bronckart (2007) onde a realidade arquetípica junguiana pode atender as pulsões do ser desejante de Freud (1856-1939).

Considerando que esta pesquisa segue o modelo do paradigma funcionalista ela terá, prioritariamente, metodologia quantitativa. As referências dos instrumentos para coleta de dados não apresentam a qualidade de validação em outros trabalhos acadêmicos. Considera-se nesta pesquisa, porém, a qualidade de validação de confiabilidade do instrumento de pesquisa questionário conforme apresenta Selleski (2020) e infere-se os mesmos princípios para o instrumento de suporte (Anexos) ao público-alvo para que possam responder o questionário (Anexos), a saber:

Como mencionado anteriormente, para que uma ferramenta de avaliação da QVRS seja capaz de gerar dados confiáveis, é essencial a seleção do tipo apropriado de ferramenta a ser utilizada no estudo e a segurança de que essa ferramenta seja adequada para a população alvo (Selleski, 2020, p. 24).

Primeiramente ele afirma que o instrumento questionário deve gerar dados confiáveis e que a seleção da ferramenta deve ser apropriada para que isso ocorra. A apropriação e/ou adequação da

ferramenta livro O Reino de Cráudio (Silva, 2022) tanto quanto, da ferramenta questionário (Anexos) estão descritas no tópico 7.5 da metodologia desta pesquisa.

Quanto às características apresentadas por Selleski (2020) apresentadas abaixo, àquelas que garantem que os instrumentos cumpram o conteúdo da ferramenta de avaliação a qual será finalizada no questionário, também se encontram descritas no tópico 7.5 da metodologia desta pesquisa; segue:

Para garantir que um instrumento cumpra com estas finalidades, o conteúdo (perguntas) da ferramenta de avaliação de QVRS (questionário) deve possuir certas características: as questões devem ser completas, autoexplicativas, devem estar escritas de forma clara, na língua local, adaptadas à cultura local mediante a utilização de palavras e frases comuns na região, que possam ser compreensíveis para os participantes com todos os prováveis níveis educacionais e devendo estar adaptadas e ser aplicáveis/apropriadas para a faixa etária da população alvo (65) (Selleski, 2020, pp. 24-25).

Até o momento não foi encontrado pesquisas validando o instrumento questionário ou a ferramenta livro O Reino de Cráudio (Silva, 2022), portanto, este instrumento e esta ferramenta se tornam, também, em hipóteses desta pesquisa.

## 8. APROXIMAÇÃO AO OBJETO DE ESTUDO

### 8.1. Contexto do objeto

Recortando o conceito de doutrinação versus aprendizagem Ana Cláudio Rodrigues de Oliveira et al. (2019) apresentam o tema da disputa da educação básica brasileira entre a doutrinação e a neutralidade tratando do assunto doutrinação através da Escola sem Partido, conforme segue:

Há de se pontuar ainda, que, o problema da doutrinação político-ideológica no âmbito do ensino não é denunciado como uma exclusividade da atual conjuntura nacional, pelo contrário, estaria em curso por todo o mundo, afetando também o sistema educacional (Oliveira et al., 2019, p. 269).

Ao afirmar: "os pais têm direito a que seus filhos recebam a educação religiosa e moral que esteja de acordo com suas próprias convicções" Nagib (2016, p. 1), advogado fundador da Escola Sem Partido fundamenta tal opinião com o que diz a lei a respeito de uma suposta liberdade de expressão requerida pelos professores. A saber:

Não é cerceamento à liberdade de expressão porque o professor não tem direito à liberdade de expressão na sala de aula. Se o professor tivesse, ele sequer seria obrigado a apresentar o conteúdo. A prova que ele não tem liberdade de expressão é que ele tem uma grade curricular obrigatória por lei. Liberdade de expressão é a que a gente exerce no Facebook. Ele não pode agir em sala de aula como ele age no Facebook. (Nagib, 2016, p. 1).

Delors (2003) ao trazer a taxonomia das colunas da educação conforme Figura 7.1 infere o aprender a ser como o auge da liberdade, o nexus da completude do sujeito que assume o protagonismo de sua própria aprendizagem. O sujeito-assujeitamento e/ou sujeito/objeto da interação do aprender a conviver continuará por toda a vida conforme o princípio da inconclusão do ser de Freire (2006) que na crítica que faz à penumbra de um conhecimento ainda não aprendido reconhece a tal inconclusão: "O poder da ideologia me faz pensar nessas manhãs orvalhadas de nevoeiro (...) como sombras que parecem muito mais manchas das sombras mesmas. Sabemos que há algo metido na penumbra mais não o divisamos bem" (Freire, 2006, p. 48).

Pela própria lógica do paradigma vygotskiano (1896-1934) que valoriza um ser que nasce indivíduo-inexistente para se tornar existente apenas no social, não seria coerente que ele

postulasse uma teoria que apoiasse o distanciamento da criança do ser social. Portanto, a teoria de uma aprendizagem que vai desde o assujeitamento ao ensino que ele classifica como Zona de Desenvolvimento Potencial até o ser sujeito da aprendizagem que ele classifica como Zona de Desenvolvimento Proximal não encontra apoio em Vygotsky (1896-1934), a saber:

A noção vygotskyana de “zona de desenvolvimento proximal” tem, de início, uma marca teórica. Na concepção sociocultural de desenvolvimento, a criança não deveria ser considerada isolada de seu contexto sociocultural, em uma espécie de modelo Robinson Crusoe-criança. Seus vínculos com os outros fazem parte de sua própria natureza. Desse modo, nem o desenvolvimento da criança, nem o diagnóstico de suas aptidões, nem sua educação podem ser analisados se seus vínculos sociais forem ignorados (Ivic, 2010, p. 32).

O paradigma de ser-indivíduo para ser-social faz inverter a lógica das zonas proximais também; indo da ZD proximal para a ZD potencial, ou seja, do ser-indivíduo para o ser-social, a saber:

A noção de zona de desenvolvimento proximal ilustra, precisamente, esta concepção. Esta zona é definida como a diferença (expressa em unidades de tempo) entre os desempenhos da criança por si própria e os desempenhos da mesma criança trabalhando em colaboração e com a assistência de um adulto (Ivic, 2010, p. 32).

Vygostisky (1896-1934) não mostra uma intenção de libertação do ser para o protagonismo de sua própria aprendizagem, mas uma intenção muito mais próxima da doutrinação conforme conceituada neste estudo.

Portanto, o contexto do objeto de estudo desta pesquisa está recortado na postulação de Oliveira et al. (2019) corroborada qualitativamente com a pesquisa referida por Nagib (2016) veiculada em reportagem da revista Veja (2008) que apresenta resultados quantitativos conforme Figura 8.1 que fundamentam a matéria apresentado pelo Jornal El País dando, não apenas, uma visão internacional do referido objeto de estudo desta pesquisa que segue metodologia comparativa quantitativa e qualitativa entre doutrinação e aprendizagem, mas também, deixando claro que o paradigma vygotskiano está inferido na doutrinação que se materializa tanto na normatização legal quanto numa metafísica de costume (Kant, 1724-1804).

## **8.2. Resenha sobre os fundamentos do contexto nacional e internacional geral**

Ana Cláudio Rodrigues de Oliveira et al. (2019) apresenta o tema da disputa da educação básica brasileira entre a doutrinação e a neutralidade através da Escola sem Partido, conforme segue: “Há de se pontuar ainda, que, o problema da doutrinação político-ideológica no âmbito do ensino” (Oliveira et al., 2019, p. 269).

Nagib (2016) torna claro o verdadeiro detentor dos direitos fundamentais, a saber: "os pais têm direito a que seus filhos recebam a educação religiosa e moral que esteja de acordo com suas próprias convicções" (Nagib, 2016, p.1) e não os professores.

Delors et al. (1998) apresentam uma taxonomia de libertação que vai desde o assujeitamento a um ensino até o aprender a ser sujeito de seu próprio aprendizado Figura 7.1.

Brandão & Salles (2018) apresentam no periódico Professores contra o escola sem partido uma conclusão do resultado da pesquisa do instituto CNT/Sensus conforme Figura 8.1 que mostra uma conformidade e/ou consenso entre pais e professores sobre as práticas de doutrinação em sala de aula.

Freire (2006) faz dura crítica à ideologia do aprender deixando claro que o aprender a ser de Delors et al. (1998) liberta o ser da penumbra de um doutrinamento qualquer: “O poder da ideologia (...) parecem muito mais manchas das sombras mesmas. Sabemos que há algo metido na penumbra mais não o divisamos bem” (Freire, 2006, p. 48).

Vygotsky (1896-1934) deu o maior presente da história para os amantes de uma concepção socialista convencionada, normatizada e com tutoria inacabada ao lançar o paradigma do ser indivíduo-inexistente que passa a existir somente como ser socializado ganhando como prêmio o seu acabamento como indivíduo, pois deixa a sua ZD proximal protagonizada para se doar ao assujeitamento de uma ZD potencial orientada conforme apresenta Ivic (2010), a saber: “A noção de zona de desenvolvimento proximal (...). Esta zona é definida como a diferença (...) entre os desempenhos da criança por si própria e os desempenhos da mesma criança trabalhando em colaboração e com a assistência de um adulto (Ivic, 2010, p.32).

Ainda, Sylvia Constant Vergara et al. (2005) apresentam o tema “Universidades Corporativas: Educação ou Doutrinação?” (Vergara et al., 2005, p. rosto), onde trata do doutrinação no meio corporativista trazendo o significado de abdução tratada nesta pesquisa: “na era do conhecimento em que vivemos, as formas de doutrinação são sutis; não raro os doutrinados não as percebem” (Vergara et al., 2005, p. 168).

Boff (2017) segue a linha paradigmática vygotskiniana para postular mais veementemente que o ser como indivíduo não existe.

Kant (1724-1804) através de Martins (2010) contribuirá com a metafísica de costumes formados a partir da razão para formar a realidade histórica que vai contrapor com a realidade arquetípica junguiana em Penna (2005).

Erich Bissoir e Eberhard Wenzl, entre outros, participam de uma entrevista num documentário feito na mídia YouTube através do canal natgeobrasil.com chamado *Adolescentes Nazistas* onde tanto o problema quanto o processo da doutrinação são bem esclarecidos, conforme segue na transcrição das falas da entrevista, conforme segue: “Todos eles seguiram o caminho impiedoso que passo a passo transformou os jovens em assustadoras máquinas assassinas, uma doutrinação de dois anos em pura maldade... (3m59seg): A primeira etapa da doutrinação é a sedução... (12m34seg)” (Cateau & Gayader, 2020, p. 01m30seg). Nesta entrevista Julien Johan apresenta a dimensão afetiva como única chave que poderia abrir a aceitação dos jovens adolescentes objetos da doutrinação de Hitler, conforme segue: “(3m59seg): A primeira etapa da doutrinação é a sedução... (12m34seg): Tudo ficou muito mais relaxado quando as relações são afetuosas...” (Cateau & Gayader, 2020, p. 3m59seg).

Silva (2020) trará à discussão a importância da dimensão afetiva para controlar as tríades perturbando e acomodando significados, conforme segue: “Wallon apresentou as emoções, com um novo significado (...) a neurociência não pode desprezar. O conhecimento fundamental sobre a inter-relação das tríades” (Silva, 2020, p. resumo).

Eberhard Wenzl apresenta o resultado da doutrinação vivenciada pelos jovens adolescentes nazistas: “sujeitos a agressão e a intimidação diárias os adolescentes terminariam exatamente como seus algozes (...)” (Cateau & Gayader, 2020, p. 7m39seg).

O repórter Antón (2016) apresenta no Jornal El País essa mesma saga de alienação dos jovens nazistas doutrinados por Hitler, conforme segue: “A juventude sob Hitler não podia ser boa. (...) Doutrinados até o indizível (...) sujeitos de um experimento social atroz, reservatório de suas ideias abomináveis (...)” (Antón, 2016, p. 1).

Freud (1856-1939) estará presente na discussão através de Lima (2010) ao trabalhar as dimensões id/ ego/ superego que será relacionada com as tríades de Silva (2020).

Lins (2007) corroborará com Freud (1856-1939) ao apresentar a psicose como uma doença explorada mais especificamente na psicanálise: “A Psicose é uma doença bastante mencionada em várias esferas: no cotidiano popular, no cinema, como, por exemplo, no famoso filme de Alfred Hitchcock ‘Psicose’ e, claro, na ciência psicológica, mais especificamente na psicanálise” (Lins, 2007, p. 40) e apresentará Foucault na importante reforma psiquiátrica que

trouxe a psicanálise mais próxima da ciência: “Foucault foi também um representante significativo no debate da Reforma Psiquiátrica” (Lins, 2007, p. 44).

Andrade (2006) traz para a discussão a visão psicopedagógica que vai relacionar o sujeito cognoscente construído na epistemologia de Piaget (1986): “o sujeito cognoscente, estamos considerando a inteligência, a construção do conhecimento a partir do sistema cognitivo” (Andrade, 2006, p. 1) ao sujeito desejante construído na pulsão da libido freudiana (Lima, 2010): “o sujeito desejante pode ser compreendido pela Psicanálise, que nos traz o sistema psíquico, cuja unidade inata e inconsciente é o Isso. Para Freud, o Isso funciona pelo princípio do prazer sem, entretanto, interferir na realidade” (Andrade, 2006, p. 1).

Calvão (2017) traz Marquês de Sade para essa discussão da dialética da vida tornando a morte essencialmente desejável e/ou positiva: “O mal é tão necessário à natureza quanto o bem; assim como a morte lhe é tão indispensável para a renovação da vida.” (Calvão, 2017, p. 207).

Uchôa (2015) apresenta um estudo de caso de mitomania e/ou pseudologia fantástica do tipo seduzido que pode ser o fim do ser doutrinado quando tenta reestabelecer o seu inato passando a crer nas suas próprias mentiras: “Uma postulante de um dos mosteiros desta Capital queixou-se de estar sendo vítima de estranha perseguição amorosa por parte de um antigo (...) (Uchôa, 2015, p.1).

Kant (1724-1804) fundamenta toda a realidade histórica desta pesquisa contrapondo a realidade arquetípica junguiana em Penna (...): “Mas aqui limito-me a perguntar se a natureza da ciência não exige que se distinga sempre cuidadosamente a parte empírica da parte racional (...) uma Metafísica da Natureza, e a Antropologia prática uma Metafísica dos Costumes (...)” (Kant, 2007, p.15). Kant (1724-1804) apresenta a seguinte necessidade: “(...) a Antropologia prática, uma Metafísica dos Costumes, que deveria ser cuidadosamente depurada de todos os elementos empíricos” (Kant, 2007, p. 15). O que pressupõe a existência do ser-indivíduo.

Souza (2007) e Bronckart (2007) trazem as ferramentas de análise do texto literário, a saber: verossimilhança, catarse, métrica e universalidade que darão a base para a produção dos instrumentos para coletar dados à esta pesquisa.

Assis (2013) e Andrade (2003) trazem provocação realista a discussão através de intertextualidade literária.

A Secretaria da educação do Governo do estado de São Paulo. (2013) traz os indicadores que mostram a defasagem na construção da competência T06 do Currículo Paulista, a saber: Compreensão de textos literários e estes indicadores justificam da escolha de texto



literário como ferramenta para dar suporte ao instrumento questionário que coletará dados quantitativos para esta pesquisa.

Carvalho (2015) traz o significado de paralaxe para os sofismas contidos nas teorias educacionais que tendem a extinguir o indivíduo.

Keo e LaSalli (2020) contribuem com a sua produção O Dilema das Redes que apresenta os algoritmos das redes como um dos principais condicionantes atuais para a doutrinação, a saber: “nós evoluímos para nos preocuparmos se outras pessoas da nossa tribo vão pensar bem ou mal de nós; nós evoluímos para saber o que 10.000 vão pensar de nós...” (Keo & LaSalli, 2020, pp. 1h27m09seg - 55m16seg).

### **8.3. Resenha sobre os fundamentos do contexto internacional específico**

Diaz (2021) acrescenta ao dilema das redes a tecnologia que contextualiza em quadrantes cada vez mais específicos as informações de seus usuários podendo quase saber o que pensam, o que gostam, o que lhes causa medo, angústia, prazer e assim podem personalizar interfaces cada vez mais apropriadas para a psique do indivíduo. A doutrinação dos algoritmos através das redes sociais são, talvez a mais poderosa no contexto tecnológico em que vivemos atualmente.

Perez & Wetzell (2021) apresentam em sua dissertação de mestrado realizada na PUC do Peru pesquisa que aponta fatores que condicionam a doutrinação de jovens entre 15 e 17 anos de idade para fazerem parte dos grupos terroristas MOVAREF e Sendero Luminoso.

Stanowski (2021) traz a o problema da doutrinação para este estudo através do seu artigo publicado no jornal The Daily News intitulado “O governo em todos os níveis falhou com o povo americano” (Stanowski, 2021, p. 1) impondo uma falta de pensamento independente e criativo através do monopólio criado por um cartel da educação americana.

Merry (2018), professor de filosofia da educação na Faculdade de Ciências Sociais e Comportamentais da Universidade de Amsterdã apresenta na conclusão de seu artigo que a doutrinação educacional tem muitos graus de danos.

### **8.4. Referência internacionais específicas de pesquisas prévias**

Os grupos terroristas do Peru terroristas MOVAREF e Sendero Luminoso doutrina jovens de 15 a 17 para trabalhos fazendo-os acreditar que são práticas nobres. Perez e Wetzell

(2021) apresentam em sua dissertação de mestrado realizada na PUC do Peru pesquisa que aponta fatores que condicionam a doutrinação destes jovens, a saber:

A razão pela qual a questão do Sendero Luminoso voltou à tona após décadas de paz é devido ao efeito particular que organizações como essas têm sobre os jovens e as populações mais vulneráveis. Esta influência que se pode observar nestes se deve a três fatores importantes: as qualidades sectárias de grupos como o MOVAREF e o Sendero Luminoso, o desconhecimento da era do terrorismo e a psicologia dos jovens nos primeiros estágios de maturação. Todos os problemas mencionados têm uma razão de ser e identificá-los é a única forma de os combater (Perez & Wetzell, 2021, pp. 33-34).

Stanowski (2021) traz a o problema da doutrinação para este estudo através do seu artigo publicado no jornal *The Daily News* intitulado “O governo em todos os níveis falhou com o povo americano” (Stanowski, 2021, p. 1) impondo uma falta de pensamento independente e criativo através do monopólio criado por um cartel da educação americana. Ele chega a dizer que o povo americano se tornou em pouco mais do que parasitas que está devorando seu hospedeiro e apresenta os motivos, a saber:

Não deve ser surpresa que, após mais de um século de crescente doutrinação esquerdista progressista, pelo “Cartel da Educação”, este país não está mais produzindo os cidadãos livres e independentes que são necessários para salvá-lo da crise que agora enfrenta. Milhões de americanos são incapazes de pensamento e raciocínio independentes necessários para participar de uma discussão significativa sobre o tipo de reformas que são tão desesperadamente necessárias neste país (Stanowski, 2021, p. 1).

Merry (2018), professor de filosofia da educação na Faculdade de Ciências Sociais e Comportamentais da Universidade de Amsterdã conclui em seu artigo que a doutrinação educacional tem muitos graus de danos, a saber:

Estruturei esse dilema ético não em termos de dano versus não dano, mas em termos de diferentes tipos e graus de dano. Eu tenho a hipótese de que, apesar dos prováveis danos doutrinatórios, as escolas islâmicas na Europa - e, cada vez mais na América do Norte e em outros lugares, devido ao forte aumento do sentimento público anti-muçulmano - provavelmente mitigarão uma série de prováveis danos infligidos aos jovens muçulmanos. Minhas intuições morais a respeito do dano são informadas pelas seguintes duas ideias: primeiro, qualquer tipo de dano deve ser mitigado quando e onde for possível; segundo, quando confrontado com uma escolha educacional envolvendo

diferentes tipos de dano, no mínimo a justiça frequentemente requer que escolhamos o dano menor. (Merry, 2018, 173).

## **8.5. Bibliografia básica atualizada sobre o tema**

A Secretaria da educação do Governo do estado de São Paulo. (2013) traz os indicadores que mostram a defasagem na construção da competência T06 do Currículo Paulista, a saber: Compreensão de textos literários, como justificativa da escolha do texto literário como ferramenta para instrumentalizar a coleta de dados desta pesquisa. Muitos alunos foram perdendo a capacidade de perceber o mundo veraz através da verossimilhança, a catarse foi reconfigurada como bullying, a universalidade foi transformada em diversidade de todos os que querem respeitando os que não querem prioritariamente.

Houve muita corroboração nas referências educacionais bibliográficas para direcionar a educação ao conceito de diversidade que ganhou força em grupo bem determinado devido ao tempo investido no diálogo circunscrito aos interesses daqueles que discutiam o referido tema que se estabeleceu fortemente na Base Nacional Curricular Comum (2017). O currículo seguiu o veio ideológico e que se mostrou através das manifestações dos anos de 2019 até os dias atuais oposto ao que deseja a grande massa do povo brasileiro com base nas eleições e manifestações públicas que acontecem neste ano de 2022. As disciplinas curriculares que eram do mundo do expor (Bronckart, 2007) foi acusado de privilegiar a desigualdade entre sujeitos e objetos prejudicando a diversidade através de imposição cientificista, principalmente o cientificismo biológico. Assim foram normatizadas competências gerais de assujeitamento, conforme segue: “A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver” (Base Nacional Curricular Comum, 2017, p. introdução).

Brandão & Salles (2018) apresentam no periódico Professores contra o escola sem partido uma conclusão do resultado da pesquisa do instituto CNT/Sensus conforme Figura 8.1, a saber: “Para 78% dos professores, o discurso engajado faz sentido, uma vez que atribuem à escola, antes de tudo, a função de “formar cidadãos” à frente de “ensinar a matéria” ou “preparar as crianças para o futuro”. (Brandão & Salles, 2018, p. 1).

Merryn (2018), professor de filosofia da educação na Faculdade de Ciências Sociais e Comportamentais da Universidade de Amsterdã conclui em seu artigo que a doutrinação educacional tem muitos graus de danos, a saber: “Eu tenho a hipótese de que, apesar dos

prováveis danos doutrinatórios, as escolas islâmicas na Europa (...) provavelmente mitigarão uma série de prováveis danos infligidos aos jovens muçulmanos”. (Merry, 2018, p. 173).

Os grupos terroristas do Peru terroristas MOVAREF e Sendero Luminoso doutrina jovens de 15 a 17 para trabalhos fazendo-os acreditar que são práticas nobres. Perez e Wetzell (2021) apresenta em sua dissertação de mestrado realizada na PUC do Peru pesquisa que aponta fatores que condicionam a doutrinação destes jovens, a saber: “A razão pela qual a questão do Sendero Luminoso voltou à tona após décadas de paz é devido ao efeito particular que organizações como essas têm sobre os jovens e as populações mais vulneráveis”. (Perez & Wetzell, 2021, pp. 33-34).

Charles Emmanuel Parchen et al. (2021) apresentam um estudo quantitativo sobre o fator condicionante dos algoritmos que no caso desta pesquisa são os algoritmos das redes sociais. Parchen et al. (2021) falam de como cresceu o número dos usuários da internet, conforme segue: “O percentual de jovens entre 18 a 24 anos que utilizaram a rede mundial de computadores foi de 91%. Em relação ao ano anterior” (Parchen et al., 2021, p. 303).

## 8.6. Resultados específicos desta aproximação ao objeto de estudo

**Tabela 8. 1**

*Frequência de aparecimento de efeitos colaterais de metilfenidato em pacientes em uso de placebo, baixas (0,3 mg/kg) e altas (0,5 mg/kg) doses de metilfenidato.*

Efeito colateral	Placebo	Baixa dose	Alta dose
Diminuição de apetite	15	52	56
Insônia	40	62	68
Dor abdominal	18	39	35
Cefaléia	11	26	21
Propensão ao choro	49	59	54
Tiques	18	18	28
Tonteira	4	10	7
Náuseas	18	23	20
Roer unhas	22	26	29
Falar pouco	16	20	22
Ansiedade	58	58	52
Desinteresse	18	18	15
Euforia	41	34	43
Irritabilidade	72	65	66
Pesadelo	20	20	21
Tristeza	43	48	41
“Olhar parado”	40	38	38

*Nota:* Pastura & Mattos (2004, p.101).

A apresentação de estudo quantitativo da substância cloridato de metilfenidato nesta pesquisa tem o objetivo de testar a hipótese de que ela pode potencializar os demais fatores condicionantes conforme postulam Pastura e Mattos:

Drogas psicoestimulantes são utilizadas no tratamento de crianças e adolescentes desde a década de 1930 (Bradley, 1938). Seu mecanismo de ação é o estímulo de receptores alfa e beta-adrenérgicos diretamente, ou a liberação de dopamina e noradrenalina dos terminais sinápticos, indiretamente. Seu início de ação dá-se em 30 minutos, com pico em uma a duas horas, e meia-vida de duas a três horas (Bennett et al., 1999) (Pastura & Mattos, 2004, p. 101).

Pastura e Mattos (2004) apresentam o metilfenidato como uma droga psicoestimulante que age nos receptores adrenérgicos que ficam situados nos terminais sinápticos e são alvos das catecolaminas que ativam a dopamina e a noradrenalina. Estes receptores fazem parte do algoritmo somático/assomático e/ou cerebral/corporal como vimos em Pastura & Mattos (2004). Dopamina é fator endógeno, ou seja, um neurotransmissor que aumenta o tempo de liberação das catecolaminas; o que significa aumentar o tempo das sinapses estimulando assim as funções psicossomáticas, enquanto a noradrenalina é um fator endócrino, um hormônio que age nas funções somáticas ou autônomas dando mais agilidade, força e percepção. A dopamina e a noradrenalina são faces da mesma moeda catecolamina que atua para buscar o equilíbrio da tríade através do estímulo da psique (cognição/afetividade) de um lado e potencialização da motricidade do outro guardada as particularidades que não fazem parte deste estudo.

A substância cloridato de metilfenidato do medicamento Ritalin estimula a dopamina com o fim de equilibrar, mas Pastura & Mattos (2004) não apresentam nenhum resultado quantitativamente relevante, além de algumas incoerências, como por exemplo: o roer unhas aumenta e a ansiedade diminui com altas doses ( Tabela 8.1 \*roer as unhas. \*\*ansiedade.), embora haja coerência na diminuição da irritabilidade, da tristeza e do olhar parado (Tabela 8.1\*\*\*diminuição da irritabilidade. \*\*\*\*tristeza. \*\*\*\*\*olhar parado), mas e a propensão ao choro aumenta com altas doses ( Tabela 8.1\*\*\*\*\*propensão ao choro.).

A hipótese de que os fatores condicionantes objetos desta pesquisa atuando através da dimensão afetiva podem proporcionar maior relevância quantitativa tanto na qualidade do resultado negativo da abdução à doutrinação quanto do resultado positivo do protagonismo da própria aprendizagem será testada nas amostragens.

Raissa Zylberglej (2017) apresenta um estudo quantitativo sobre as cores no campo do marketing e profissional, considerando a preferência em relação à diferença diastrática, conforme segue:

Assim como na análise da relação da idade com a escolha das cores, no estudo relacionado ao nível de ensino, há uma maioria dos voluntários, independentemente do nível de ensino, que tiveram preferência por consumir chocolates de cores conservadores (57,6% para os voluntários com ensino médio completo/superior incompleto e 63,6% para voluntários com ensino superior completo), assim como suas cores favoritas (72,2% para os voluntários com ensino médio completo/superior incompleto e 90,9% para voluntários com ensino superior completo). Quanto ao chocolate que mais lhe chamaram atenção, a maior parte dos voluntários com o médio completo e superior incompleto (ou seja, os mais jovens), relataram que foram as cores não conservadoras (64,2%), enquanto a maioria os voluntários com superior completo (os mais velhos) disseram que foram as cores mais conservadoras (56,8%) (Zylberglej, 2017, p. 83).

Transcrevemos a tabela da preferência em relação aos extratos sociais colhida da pesquisa de Zylberglej (2017) Tabela 6.2 para demonstrar quantitativamente a preferência absoluta da classe alta por cores não conservadoras; uma variável poderosa para os algoritmos das redes sociais.

**Tabela 8. 2**

*A influência das cores nas decisões dos consumidores*

Renda	Consumir				Chama mais atenção				Cor favorita			
	Cores conservadoras		Cores não conservadoras		Cores conservadoras		Cores não conservadoras		Cores conservadoras		Cores não conservadoras	
Até 1 SM	47	58.8%	33	41.3%	24	30.0%	56	70.0%	54	67.5%	26	32.5%
Entre 1 e 2 SM	25	53.2%	22	46.8%	21	44.7%	26	55.3%	35	74.5%	12	25.5%
Entre 2 e 3 SM	13	65.0%	7	35.0%	8	40.0%	12	60.0%	18	90.0%	2	10.0%
Entre 5 e 10 SM	22	59.5%	15	40.5%	19	51.4%	18	48.6%	34	91.9%	3	8.1%
Entre 10 e 20 SM	8	80.0%	2	20.0%	7	70.0%	3	30.0%	8	80.0%	2	20.0%
Acima 20 SM	0	0.0%	1	100.0%	0	0.0%	1	100.0%	0	0.0%	1	100.0%

Nota: Zylberglej, 2017, p. 83).

Em relação a cor preferida Zylberglej (2017) apresenta o azul com 85% de preferência (Tabela 6.3; \*azul) o que pode ter relação com o comprimento e a frequência da onda, pois das cores primárias a cor azul tem o menor comprimento e a maior velocidade, o que a faz chegar mais rápido na retina e, hipoteticamente induza a preferência.

**Tabela 8. 3**

*Cores preferidas dos voluntários*

Cor Preferida		
Preto	31	15.8%
Cinza	2	1.0%
Branco	6	3.1%
Vermelho	19	9.7%
Amarelo	4	2.0%
Laranja	2	1.0%
Verde	25	12.8%
Roxo	14	7.1%
Rosa	7	3.6%
Azul	85	43.4%
Marrom	0	0.0%

*Nota:* Zylberglejð (2017, p. 86).

Em relação ao consumo de chocolate e considerando a diferença diafásica a fase mais adolescente (16 anos) tem maior preferência pela embalagem da cor roxa ( Tabela 6.4; \*roxo).

**Tabela 8. 4**

*Não consumir chocolate roxo*

Consumir Roxo	Consumir Roxo - Idade>18	
16	16	100.0%
Consumir Roxo	Consumir Roxo - Idade>19	
16	16	100.0%
Consumir Roxo	Consumir Roxo - Idade>20	
16	13	81.3%
Consumir Roxo	Consumir Roxo - Idade>21	
16	11	68.8%
Consumir Roxo	Consumir Roxo - Idade>22	
16	6	37.5%
Consumir Roxo	Consumir Roxo - Idade>23	
16	3	18.8%
Consumir Roxo	Consumir Roxo - Idade>24	
16	1	6.3%

Nota: Zylberglej (2017, p. 89).

Como explicado no capítulo 8, o roxo é a cor do mistério, da fantasia, da magia. O público que normalmente se identifica com esses efeitos é um público mais jovem. Conforme os dados apresentam, conforme a idade dos voluntários aumenta, a escolha pelo chocolate roxo para ser consumido reduz de forma significativa. Isto porque, quanto mais novo, mais se acredita no mundo da fantasia, em magias e mistérios (Zylberglej, 2017, p. 83).

Charles Emmanuel Parchen et al. (2021) apresentam um estudo quantitativo sobre o fator condicionante dos algoritmos que no caso desta pesquisa são os algoritmos das redes sociais. Parchen et al. (2021) fala de como cresceu o número dos usuários da internet, conforme segue:

O mais recente relatório anual da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD TIC) contínua do IBGE mostra que, para o ano de 2018, 74,9% dos domicílios brasileiros acessou a Internet (web), sendo que três quartos da população de 181.869 milhões de pessoas com 10 ou mais anos de idade, acessou a Internet. O percentual de jovens entre 18 a 24 anos que utilizaram a rede mundial de computadores foi de 91%. Em relação ao ano anterior, chama a atenção o crescimento do número de idosos (60 anos ou mais): de 31,2% no ano de 2017, para 36,7% em 2018 (Parchen et al., 2021, p. 303).



Entre os hardwares utilizados para acessar a internet o telefone móvel se destacou e isso é significativo porque, geralmente, esse hardware acompanha o usuário para onde quer que ele vá, passando a fazer parte da vida dele, conforme segue:

O principal equipamento (hardware) utilizado para o acesso foi o telefone móvel celular, correspondendo a, no ano de 2018, a 98,1% da população em 10 ou mais anos de idade, sendo que as pessoas também usaram microcomputadores (50,7%), televisões (smartv's – 23,1%) e tablets (12,0%). Estes números ressaltam a importância da Internet, que se expandiu exponencialmente com base no seu uso: de acordo com a necessidade, houve o acréscimo de nós à rede mundial de computadores (Parchen et al., 2021, p. 303).

Parchen et al. (2021), também, apresenta a dinâmica das redes sociais que impressiona não apenas na velocidade das informações, mas também na rapidez das atualizações considerando algoritmos que aprendem a aprender.

“Logo, as redes sociais constituem o oposto da teoria clássica dos grafos” (Parchen et al., 2021, p. 319) e/ou matrizes ou mesmo o ladrilhar de Vieira, (1984). “Isso porque elas devem ser compreendidas não como estruturas determinadas e determinantes, mas sim como ‘mutantes no tempo e espaço’. Elas podem, portanto, ser caracterizadas por sua velocidade e instantaneidade” (Parchen et al., 2021, p. 319).

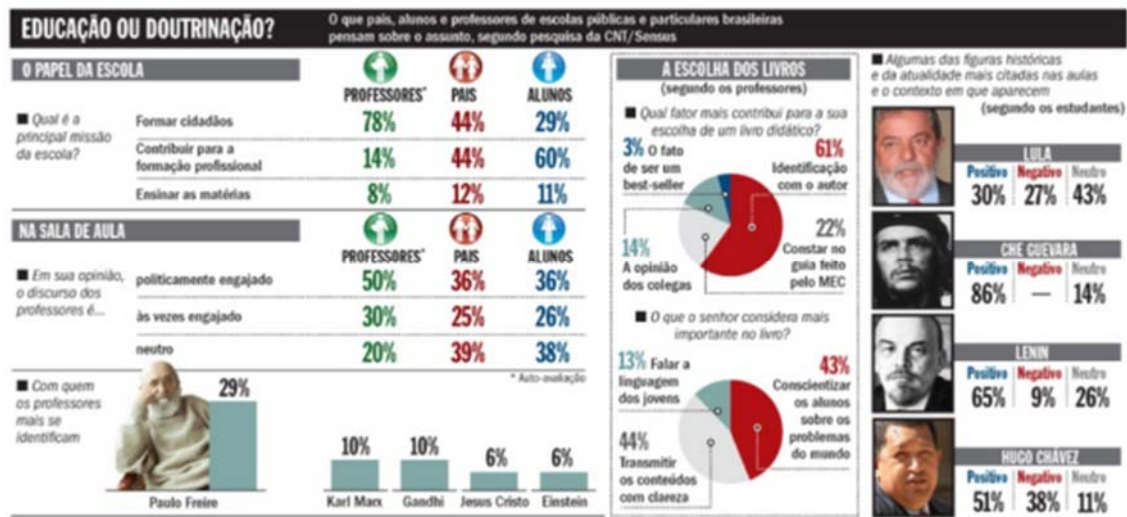
Finalmente, Parchen et al. (2021) manipula dados de pesquisas realizadas em seus estudos em relação a internet no futuro. Ele apresenta a Quarta Revolução Industrial (Schwab, 2020) conforme citado em Parchen et al. (2021) com conquistas inusitadas como roupas digitais, por exemplo, conforme segue:

Nesta obra, o autor chama a atenção para 23 mudanças (pontos de inflexão) que ele cunhou, a partir de dados coletados por intermédio de uma entrevista com 800 executivos globais, por conta do uso de algoritmos (ou nos dizeres da obra, inteligência artificial). Uma das inflexões teve como resposta positiva de 84% dos entrevistados, afirmando que até o ano de 2025, 80% das pessoas ao redor do mundo terão presença digital na Internet. Já para 91% dos entrevistados, até o ano de 2025, 10% das pessoas no mundo terão roupas conectadas na rede mundial de computadores.<sup>41</sup> Por sua vez, para 83% dos que responderam à pesquisa, até o ano de 2025 haverá o primeiro governo a substituir completamente o censo por análise de Big Data (Parchen et al., 2021, p. 321).

Brandão & Salles (2018) apresentam no periódico Professores contra o escola sem partido uma conclusão do resultado da pesquisa do instituto CNT/Sensus conforme Figura 8.1.

**Figura 8.1**

*Pesquisa CNT/Sensus sobre doutrinação*



Nota: Brandão & Salles (2018, p. 1).

Ele faz uma análise dos dados coletados (Figura 8.1) e conclui que há uma conformidade e/ou consenso entre pais e professores sobre as práticas de doutrinação em sala de aula, a saber: O levantamento ouviu 3.000 pessoas de 24 estados brasileiros, entre pais, alunos e professores de escolas públicas e particulares. Sua conclusão nesse particular é espantosa. Os pais (61%) sabem que os professores fazem discursos politicamente engajados em sala de aula e acham isso normal. Os professores, em maior proporção, reconhecem que doutrinam mesmo as crianças e acham que isso é sua missão principal é algo muito mais vital do que ensinar a interpretar um texto ou ser um bamba em matemática. Para 78% dos professores, o discurso engajado faz sentido, uma vez que atribuem à escola, antes de tudo, a função de “formar cidadãos” à frente de “ensinar a matéria” ou “preparar as crianças para o futuro”. Adversária do exercício intelectual, a ideologização do ensino pode ser resultado em parte também do despreparo dos professores para o desempenho da função. No ensino básico, 52% lecionam matérias para as quais não receberam formação específica, 22% deles nunca frequentaram faculdade (Brandão & Salles, 2018, p. 1).

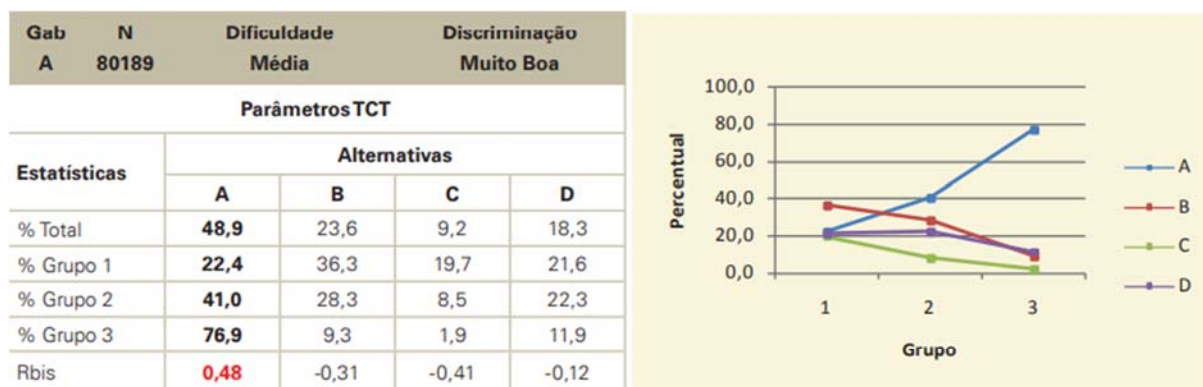
O texto literário foi escolhido considerando as habilidades da competência T06 Compreensão de Textos Literários (Secretaria de Estado da Educação, 2016), considerando que

as figuras de linguagens e de pensamentos neles contidas atua diretamente na reflexão e, portanto, no juízo de valores.

No aspecto semântico a literatura conterà redundâncias, gradações, pleonasmos, antonomásias, metonímias, antíteses, metáforas, catacreses, onomatopeias, paralelismos semânticos e sintáticos etc. Considera-se na semântica a progressão da significação na espiral ascendente da movimentação de recursos piagetianos para formar assunçores ausubianos (Ausubel et al., 1978). No aspecto sintático a literatura oferece código formal e informal para verificar a construção da competência básica de reconhecimento da linguagem do mundo do expor e do mundo do narrar no mundo real ou arquétipo em que vivem os participantes da pesquisa considerando as habilidades mais defasadas nos últimos anos nos alunos da amostragem conforme Tabela 8.5 e através de questionário suportado na literatura O Reino de Cráudio (Silva, 2022) medir o quanto os participantes da amostragem percebem o cenário de sua contemporaneidade.

**Tabela 8. 5**

*Tabela de certos do SARESP da pergunta que mede a habilidade de compreensão de texto literário dos 9ºs anos*



**Comentário**

*Este item trabalha com a habilidade que os alunos têm de inferir a perspectiva do narrador em uma narrativa literária. No caso, apresenta ao aluno um excerto de um conto de Ignácio de Loyola Brandão, O homem cuja orelha cresceu, e solicita que seja identificado o tipo de narrador presente no texto. Para esta tarefa, o aluno deveria ter conhecimento a respeito de foco narrativo para então buscar no texto os indícios que permitem identificar qual a posição do narrador em relação ao fato narrado.*

Nota: Secretaria da educação: Governo do estado de São Paulo (2013, p. 125)

## 9. METODOLOGIA

### 9.1. Modelo

Esta pesquisa está enquadrada na metodologia quantitativa crescendo em qualidade de referências e/ou pesquisas aqui referenciadas na discussão de seu objeto. O modelo desta pesquisa ventila o modelo da complexidade do conhecimento pós-moderno que “passa a questionar a linearidade do saber científico — Ou quando se evidencia a própria incapacidade da Ciência em lidar com a multiplicidade de fatores que compõe o mundo pós-moderno” (Altmicks, 2014, p. 394), porém o seu enquadramento definitivo encontra-se no arcabouço do paradigma Funcionalista: “Educação é compreendida como um sistema relativamente constante e previsível, no qual os seus elementos constituintes se harmonizam, em maior ou menor grau de equilíbrio para tratar” (Altmicks, 2014, p. 393) que melhor pode se aproximar da aceitação positivista, embora distanciada de sua mensuração empírica imediata.

Portanto pretende-se aqui “estabelecer um veio comum entre a Sociologia, a Psicologia e a Antropologia, através do conceito de função” contida na razão pura (Kant, 1724-1804) das estruturas de Piaget (1972) e Vygotsky (1896-1934) verificáveis na sociologia, psicologia, antropologia interrelacionadas através da dimensão afetiva para desestabilizar uma aprendizagem para em seguida acomodá-la em uma doutrinação.

### 9.2. Hipóteses de pesquisa

Esta pesquisa pretende testar as hipóteses que seguem:

1. A variável independente “doutrinação” (var1) aqui conceituada como reprogramação do inconsciente para transferi-lo da zona de desenvolvimento proximal para a zona de desenvolvimento potencial até fazer inexistir o indivíduo do ser social (Boff, 2017) é contrária à variável dependente “aprendizagem” (var2) aqui conceituada como ser protagonista da própria aprendizagem. Esse paradoxo gera a principal hipótese desta pesquisa que é quanto mais o ser se permite extinguir deixando definitivamente a sua zona de desenvolvimento proximal ele aumenta o seu potencial de se tornar um ser doutrinado e, conseqüentemente, deixa de construir a competência de transformar o meio onde vive para melhorar a sua convivência ou a de seus participantes.
2. A variável independente “doutrinação” (var1) potencializa a variável dependente “aceitação da inexistência do seu próprio ser como indivíduo” (var3) gerando a

hipótese de que a aceitação da inexistência é o que faz a transferência da zona de desenvolvimento proximal para a zona de desenvolvimento potencial.

3. A variável independente “doutrinação” (var1) é contrária à variável dependente “percepção da realidade histórica” (var4) gerando a hipótese de que a realidade histórica é distorcida em uma realidade arquetípica junguiana.
4. A variável independente “doutrinação” (var1) potencializa a variável dependente “causas que levam à escolha de uma realidade arquetípica” (var5) gerando a hipótese de que essa mesma realidade não acontece naturalmente.
5. A variável independente “doutrinação” (var1) potencializa a variável dependente “motivos que levam o ser doutrinado ao assujeitamento” (var6) gerando a hipótese de que o ensino doutrinador oferece motivos sempre desejáveis.
6. A variável independente “doutrinação” (var1) é contrária à variável dependente “compreensão do que está subjacente à doutrinação” (var7) gerando a hipótese de que a aprendizagem na sua forma protagonista faz com que o indivíduo passe a existir ou “ressurja das cinzas como a ave Fênix”.

### 9.3. População e amostra

A população desta pesquisa pertence as escolas da SEDUC SV cuja amostra será 40 alunos das 8<sup>os</sup> séries/ 9<sup>os</sup> anos do Ensino Fundamental II de ambos os sexos entre as idades de 14 a 16 anos de idade das EMEFs Matteo Bei, República de Portugal, Carolina Dantas e Armindo Ramos. A população tem sua base nas informações concedidas pela SEDUC SV através de uma de suas supervisoras dispostas no Quadro 9.1 para dar embasamento a posteriores aplicações metodológicas quantitativas, conforme segue:

#### Quadro 9.1

##### Atores da educação da SEDUC SV.

Atores	Quantidade
Escolas	60
Supervisores	10
Professores	1880
Administradores (diretores, assistentes e coordenadores)	215
Alunos (considerando a média de 15 salas com 30 alunos por sala)	27000

Fonte: autoria do pesquisador (2021).

Das 60 escolas municipais de São Vicente/SP conforme Quadro 9.1 será colhida amostra das EMEFs Matteo Bei, República de Portugal, Carolina Dantas e Armindo Ramos onde os alunos das 8<sup>os</sup> séries/ 9<sup>os</sup> anos do Ensino Fundamental II, equivalendo a um percentual de 6,7. Dos 27.000 alunos apresentado no mesmo Quadro 9.1 dividido por 9 anos seriados colhida amostra de 40 alunos equivalendo a um percentual de 1,34.

O fluxo de informações coletadas trará percentuais de amostragem não confiáveis segundo Lee e Hong, (2021), contudo, esta pesquisa não pretende confiabilidade na metodologia quantitativa somente, mas, principalmente, na corroboração com demais referências e/ou pesquisas consideradas que dão suporte à discussão de seu objeto enquadrando-a na metodologia mista qualitativa/quantitativa.

Justifica-se a escolha da amostragem devido à defasagem que os nonos anos do ensino fundamental II obtiveram no SARESP publicado pelo (Secretaria da educação: Governo do estado de São Paulo, 2013) na competência Compreensão de textos literários conforme Tabela 8.5 que apresenta habilidades de compreensão de textos literários defasadas. O mundo do narrar de Bronckart (2007) se apresenta como um mundo ainda distante da percepção dos alunos das 8<sup>os</sup> séries/ 9<sup>os</sup> anos do Ensino Fundamental II conforme segue:

Os índices gerais de acerto no item apontam que muitos alunos apresentam dificuldades quando se deparam com este tipo de tarefa: em média, o gabarito A foi assinalado por apenas 48,9% dos alunos. Quando se analisa a distribuição das respostas entre gabarito e distratores por grupos específicos de alunos – 1, 2 e 3 – é possível apreender informações importantes. O distrator B foi o que mais atraiu alunos dos grupos 1 e 2, sendo que no grupo 1, o percentual de alunos que escolheu este distrator (36,3%) é consideravelmente maior do que aquele que optou pelo gabarito A (22,4%). A opção por esta resposta – narrador personagem, pois quem narra é o homem cuja orelha cresceu – indica o desconhecimento de um conceito fundamental para a leitura de textos narrativos, que é a de foco narrativo. Um percentual importante de alunos não consegue analisar o texto apresentado e perceber que a flexão de pessoa dos verbos do texto – 3a pessoa do singular – impossibilita afirmar que quem narra a história é a personagem que está vivendo os eventos narrados – o que faria com que os verbos estivessem em 1a pessoa (Secretaria da educação: Governo do estado de São Paulo., 2013, p. 125).

Nono ano é à última fase escolar que fecha ciclo do ensino fundamental II e, por isso, é intenção desta pesquisa que sua amostragem acumule esta dificuldade específica de compreender sua contemporaneidade através de narrativas verossímeis para medir tal

dificuldade em seu maior grau, considerando que no ensino infantil o texto literário seja o mais utilizado para a leitura, fruição e interpretação de textos e porquê a referida competência não se mantem e/ou nem se constrói e/ou se perde nos anos que seguem.

#### **9.4. Variáveis**

As variáveis contidas no questionário são:

A variável independente "doutrinação" (var1) está relacionada a todas as demais variáveis dependentes relacionadas abaixo e com as hipóteses "sim" e "não" das perguntas do questionário. Quanto mais as hipóteses se mostrarem próximas da realidade histórica mais contrária a doutrinação, quanto mais se mostrarem próximas da realidade arquetípica junguiana, menos contrária a doutrinação.

Variáveis dependentes:

1. Aceitação da inexistência do seu próprio ser como indivíduo (var2);
2. Aprendizagem" (var3);
3. percepção da realidade histórica" (var4);
4. Causas que levam à escolha de uma realidade arquetípica" (var5);
5. Motivos que levam o ser doutrinado ao assujeitamento" (var6);
6. Compreensão do que está subjacente à doutrinação" (var7);
7. A hipótese é de que a aprendizagem na sua forma protagonista faz com que o sujeito exista como indivíduo e constrói nele a competência de mudar o meio onde vive.

#### **9.5. Instrumento**

Há um instrumento questionário para coletar os dados e uma ferramenta para dar suporte aos participantes da amostra para que estes possam responder ao instrumento questionário gerando as variáveis e as hipóteses necessárias para a manipulação dos dados coletados, a saber:

1. A ferramenta que dará suporte ao instrumento é o livro O Reino de Cráudio (Silva, 2022) que será apresentado como leitura aos participantes da amostragem, pois trata-se de uma literatura produzida pelo autor desta pesquisa com o fim de dar suporte ao instrumento de coleta de dados. O livro possui uma narrativa que representa realidades da contemporaneidade com realidades históricas e arquetípicas de forma irônica que é o que pode atrair alunos do 9º ano do ensino fundamental II.
2. O instrumento para coleta de dados é o questionário (Anexos) preparado pelo autor com perguntas de respostas fechadas que permitem apenas as hipóteses "sim" ou "não", múltipla

escolha e, também, de respostas abertas para medir as percepções através das variáveis dispostas anteriormente. O questionário é composto com 40 perguntas organizadas, adequadas aos participantes da amostragem e com enredo escrito numa linguagem abundantemente verbal e reduzidamente não verbal e que assim se organiza:

- a. 10 perguntas do campo da semântica: destinadas a colher dos participantes da amostragem a percepção que eles conseguem ter do significado da literatura em relação à realidade histórica-contemporânea;
- b. 10 perguntas do campo da sintaxe: destinadas a colher dos participantes da amostragem a percepção que eles conseguem ter da sintaxe da literatura em relação à realidade histórica-contemporânea;
- c. 10 perguntas relacionadas diretamente com os objetivos específicos da pesquisa destinadas a colher dos participantes da amostragem pontos de vista sobre o tema doutrinação, aprendizagem e seus efeitos na construção da competência para transformarem o meio onde vivem;
- d. 10 perguntas anamnéticas: destinadas a colher dos participantes da amostragem informações do cotidiano, gostos e costumes de cada um para que estas possam sugerir motivos para as respostas anteriormente coletadas.

Os dados colhidos nestes instrumentos serão tratados no programa IBM SPSS. A validação da adequação junto aos participantes da amostragem serão testadas a partir do retorno as aulas presenciais, pois serão coletadas presencialmente cumprindo todas as exigências do comitê de ética da Plataforma Brasil e da UNINI, a saber:

1. As perguntas de 1 a 10 do questionário exploram o campo dos significados e, portanto, verificam a percepção semântica e contribuem para atingir o objetivo específico 3 juntamente com a busca da compreensão/entendimento dos objetivos específicos 1 e 2 referente aos motivos que levam a aceitação de sua própria inexistência e interferem na percepção da realidade histórica ao longo das metodologias quantitativa e qualitativa amparada no paradigma funcionalista.
2. As perguntas de 11 a 20 do questionário exploram o campo da sintaxe e, portanto, verificam a percepção do que está escrito e contribuem para atingir o objetivo específico 5 juntamente com a busca da identificação contida no objetivo específico 4 referente aos motivos que levam ao assujeitamento a um



ensino doutrinador ao longo das metodologias quantitativa e qualitativa amparada no paradigma funcionalista.

3. As perguntas de 21 a 30 do questionário exploram o campo da reflexão e, portanto, verificam feedback pessoal a partir dos instrumentos e contribuem para atingir os objetivos específicos para que se possa descrever e avaliar o papel dos estudantes na sua própria aprendizagem.

### **9.5.1. Validação dos instrumentos**

Muitos trabalhos que utilizam instrumentos de coleta apresentam a validação antecipada bastando referenciá-las, como por exemplo, apresenta Selleski (2020): “Desde sua validação em 2007, o QDC tem sido aplicado em várias populações de celíacos de diferentes países do mundo como Alemanha, Itália, França, Turquia, Espanha e recentemente Brasil (77,79–81,84,85)” (Selleski, 2020, p. 31). Portanto, está inferido no trabalho de Selleski (2020) que instrumentos de pesquisa crescem em qualidade a cada nova utilização por pesquisas posteriores.

Como mencionado anteriormente, para que uma ferramenta de avaliação da QVRS seja capaz de gerar dados confiáveis, é essencial a seleção do tipo apropriado de ferramenta a ser utilizada no estudo e a segurança de que essa ferramenta seja adequada para a população alvo. Para garantir que um instrumento cumpra com estas finalidades, o conteúdo (perguntas) da ferramenta de avaliação de QVRS (questionário) deve possuir certas características: as questões devem ser completas, autoexplicativas, devem estar escritas de forma clara, na língua local, adaptadas à cultura local mediante a utilização de palavras e frases comuns na região, que possam ser compreensíveis para os participantes com todos os prováveis níveis educacionais e devendo estar adaptadas e ser aplicáveis/apropriadas para a faixa etária da população alvo (Selleski, 2020, pp. 24-25).

Como postulado acima Selleski (2020) afirma que há garantias que devem ser observadas para que o questionário cumpra a sua finalidade e estas garantias ela chama, também, de características: “as questões devem ser completas, autoexplicativas, devem estar escritas de forma clara, na língua local, adaptadas à cultura local mediante a utilização de palavras e frases comuns na região etc.” (Selleski, 2020, p. 25).

Os instrumentos apresentados nesta pesquisa são: 1. Literatura de suporte (Silva, 2022) e 2. Questionário (Anexos). Estas ferramentas e/ou instrumentos foram criados com o fim específico de dar suporte a esta pesquisa.

1. A validação da ferramenta livro se dará através de sequência didática em sala de aula com a finalidade de que todos se apropriem do enredo da narrativa, embora as

avaliações externas mostrem defasagem na leitura e compreensão de textos literários (Secretaria da educação: Governo do estado de São Paulo, 2013). Por isso, haverá uma dinâmica diferenciada na referida sequência didática, pois os indicadores externos já apontam para essa necessidade. A dinâmica diferenciada consiste desde o tratamento textual verbal e não verbal para adequação e motivação à leitura até a preparação do espaço e forma como, por exemplo, roda de leitura em cenário, também, adequado. Embora a sequência didática seja intencional, adequações não intencionais possivelmente sejam necessárias para as diferentes realidades do público-alvo.

2. A validação do instrumento Questionário se dará logo após a leitura do livro. Haverá também uma sequência didática intencional para a aplicação do questionário como, por exemplo, adequação da linguagem verbal com acréscimo de linguagem não verbal e utilização de cenários criado pelos próprios alunos em espaço diferente da sala de aula que será utilizado para acolhê-los para que possam responder os questionários.
3. A testagem das ferramentas e/ou instrumentos será realizada na semana do acolhimento no início do ano letivo do ano de 2023 na EMEF Matteo Bei com 20 alunos de 9ºs anos misturados de várias salas da referida escola.

Finalmente, após a testagem dos instrumentos anteriormente descrita, proceder-se-á às etapas seguintes do cronograma conforme Quadro 10.1.

## **9.6. Análise de dados**

Após a coleta de dados da amostragem, haverá manipulação de dados considerando análise psicopedagógica organizada em 08 grupos com estratos misturados, a saber:

Quantificadores não contidos no questionário para mensurar resultados dos 08 grupos analisados no programa IBM SPSS:

1. Alunos que mais perceberam uma realidade arquetípica.
2. Alunos que menos perceberam uma realidade arquetípica.
3. Alunos que mais perceberam a realidade histórica.
4. Alunos que menos perceberam a realidade histórica.
5. Alunos que protagonizaram práticas na comunidade escolar.
6. Alunos que não protagonizaram práticas na comunidade escolar.

7. Alunos com práticas que transformaram o meio onde vivem para melhor.
8. Alunos sem práticas que transformaram o meio onde vivem para melhor.

Quantificadores contidos no questionário de coleta de dados para mensurar os resultados dos objetivos específicos que serão analisados no programa IBM SPSS:

1. Você aceita a inexistência do seu próprio ser como indivíduo?
2. Você seria capaz de relatar realidades ao seu redor contidas no livro?
3. Você observa realidades muito diferentes das relatadas no livro onde vive?
4. Você acha legal seguir a moda e os costumes da sociedade onde vive?
5. Você curti aprender o que todos estão aprendendo e da mesma forma?
6. Você se considera uma pessoa preparada para a vida?
7. Você sabe o que é doutrinação e qual o seus efeitos para a sua vida?
8. Você sabe o que é aprendizagem e qual os seus efeitos para a sua vida?
9. Você aprende bem sozinho(a)?
10. Você achou interessante esta pesquisa?

Qualificadores para análise através de discussão com base nas referências resenhadas relacionadas com os resultados quantificados.

1. O que tinha de comum nas respostas do questionário anamnóstico dos alunos que mais perceberam a realidade histórica?
2. O que tinha de comum nas respostas do questionário anamnóstico das alunas que mais perceberam a realidade histórica?
3. O que tinha de comum nas respostas do questionário anamnóstico dos alunos que menos perceberam a realidade histórica?
4. O que tinha de comum nas respostas do questionário anamnóstico das alunas que menos perceberam a realidade histórica?

O questionário (Anexos) contém 10 perguntas anamnóstica para colher dados do cotidiano dos participantes da amostragem para que a análise considere tais dados para chegar à resultados informados, como por exemplo, na hipótese de que quanto maior a ociosidade, maior a exposição aos fatores condicionantes e, conseqüentemente, maior exposição à doutrinação; logo, o questionário anamnóstico conterà perguntas fechadas e abertas como: Você trabalha? Você toma algum medicamentos controlado? Qual? Quanto tempo você gasta no celular por dia? Qual a sua cor preferida? (Anexos).

Esta pesquisa pretende fundamentar a importância da visão educacional de ensino/aprendizagem que considere a existência do ser individuo não ignorando teorias que

valorize diferenças e necessidades inatas como, por exemplo, a teoria das múltiplas inteligências, as cinco mentes do futuro de Gardner (1995) etc. assim como valorização da visão piagetiana que leva o ser social, ainda que indiferenciado, através das fases de desenvolvimento até a ZD proximal de Vygotsky (1896-1934) onde o indivíduo se encontra inacabado para protagonizar seu próprio aprendizado, porém, o que tem de inovador nesta pesquisa é a validação da hipótese de que o ser doutrinado não constrói a competência de transformar o meio onde vive para melhorar a sua convivência e/ou a de seus participantes.

É propósito desta pesquisa não corroborar com estudos que propõe normatização, sistematização, competências chaves, cidadania ou uma socialização a custo da inexistência do ser escravo de uma ZD potencial (Vygotsky 1896-1934) desprezando por completo a ZD proximal Vygotsky (1896-1934) que não pode existir sem o indivíduo-inato. Também não corrobora com uma indiferenciação onde o assujeitamento de um ser inexistente ao sujeito empírico dependendo exclusivamente dele para se tornar, a partir dele, sujeito que devolverá a ele tendências diferenciadas dele ou até inexistentes nele. De onde vieram essas tendências então? Embora o propósito deste estudo seja confrontar e não corroborar com os estudos da área educacional ele não apenas se aproxima deles, mas se aprofunda neles.

## **9.7. Técnica amostral dos resultados**

### **9.7.1. A amostragem representada de forma intencional**

1. Tabelas com resultados de cruzamento entre o gabarito do questionário (Anexos) e as respostas de cada um dos 08 (oito) grupos de amostragem classificados no item 9.6.
2. Tipologia textual expositivo-explicativa-descritiva dos resultados de cruzamento entre o gabarito do questionário (Anexos) e as respostas de cada um dos 08 (oito) grupos de amostragem classificados no item 9.6.
3. Gráficos suportados com legendas descritivas dos resultados de cruzamento entre o gabarito do questionário (Anexos) e as respostas de cada um dos 08 (oito) grupos de amostragem classificados no item 9.6.

### **9.7.2. A amostragem representada de forma não intencional**

1. Tabelas, tipologia textual expositivo-explicativa-descritiva e gráficos legendados com resultados de cruzamento outros que se apresentem relevantes; considerando a amostragem representada de forma intencional (item 9.6).
2. Filmagens autorizadas feitas pelo autor da pesquisa para registrar momentos relevantes da aplicação da sequência didática para o livro O Reino de Cráudio (Silva, 2022).
3. Vídeos autorizados feitos pelos próprios alunos fazendo resumo do enredo da literatura e descrevendo sua experiência como participante da amostragem desta pesquisa.

## **9.8. Resultados esperados**

Como resultado esta pesquisa devolverá orientações sobre:

1. Procedimentos adequados ao protagonismo da própria aprendizagem;
2. Procedimentos inadequado ao protagonismo da própria aprendizagem;
3. Procedimentos adequados a motivação à ZD proximal;
4. Procedimentos inadequados a motivação à ZD proximal;
5. Procedimentos adequados a motivação à ZD potencial;
6. Procedimentos inadequados a motivação à ZD potencial;
7. Características e potencialidades da aprendizagem;
8. Características e potencialidades da doutrinação.

## 10. CRONOGRAMA DE PESQUISA

### 10.1. Classificação das etapas

Após a aprovação das comissões de éticas da Plataforma Brasil e da UNINI para proceder prática inicial desta pesquisa junto aos participantes da amostragem está previsto o seguinte cronograma, conforme saber:

1. Apresentação do projeto de pesquisa e coleta de assinatura no Termo de Consentimento livre e Esclarecido (TCLE) na primeira reunião de pais que se dará na semana do acolhimento do início do ano letivo de 2023 nas EMEFs participantes da amostragem.

2. Após a apresentação e consentimento dos responsáveis e aceitação dos alunos que participarão da amostragem seguirá o cronograma do Quadro 10.1.

#### Quadro 10. 1

#### Quadro sintético das descrições analíticas do cronograma

Passos	Descrição dos passos	Datas previstas
1	Reunião de pais para TCLE	Março de 2023
2	Sala de aula com alunos para TAILE	Março e Abril de 2023
3	Contingência de prazo para leitura do livro	Abril de 2023
4	Classificação para análise de dados	Junho de 2024
5	Lançamento e manipulação no SPSS	Julho e agosto de 2024
6	Discussão e conclusão comparativa dissertativa quantitativa e qualitativa	Setembro e Dezembro de 2024

Fonte: autoria do pesquisador (2021).

## 11. REFERÊNCIAS

- Almeida, M. M. de. (2015). Trajetórias no Desenvolvimento Profissional Docente no Ensino Superior: Fatores Condicionantes. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 61–85. [https://doi.org/10.14195/1647-8614\\_48-2\\_4](https://doi.org/10.14195/1647-8614_48-2_4)
- Altmicks, A. H. (2014). Principais paradigmas da pesquisa em educação realizada no Brasil. *Revista Contrapontos*, 14(2), 384. <https://doi.org/10.14210/contrapontos.v14n2.p384-397>
- Andrade, M. S. de. (2006). Ensinante e aprendiz: a construção da autoria de pensamento. Construção psicopedagógica. *Centro Universitário FIEO: Construção Psicopedagógica*, 14(1). [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-69542006000100005&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542006000100005&lng=pt&tlng=pt).
- Andrade, M. (2003). *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter* (FTD (ed.); 2nd ed.).
- Antón, J. (2016, November 3). A fábrica de filhotes nazistas. *El País*. [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/01/internacional/1478025759\\_957657.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/01/internacional/1478025759_957657.html)
- Assis, M. (2013). *O alienista* (Ática (ed.)).
- Assmann, H. (2012). *Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendiz* (Vozes (ed.); 12a ed.).
- Bakhtin, M. M. (1997). *Estética da criação verbal* (2a ed.). Martins Fontes (Coleção Ensino Superior), Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/1223>
- Biasotto, L. C., Fim, C. F., & Kripka, R. M. L. (2020). A teoria da aprendizagem significativa de David Paul Ausubel: Uma alternativa didática para a educação matemática. *Brazilian Journal of Development*, 6(10), 83187–83201. <https://doi.org/10.34117/bjdv6n10-668>
- Boff, L. (2017, January 31). “O indivíduo não existe. O que existe é a pessoa humana.” <s://www.xapuri.info/home/o-individuo-nao-existe-o-que-existe-e-pessoa-humana/>
- Brandão, L., & Salles, D. (2018, November 11). *O dia que a VEJA foi contra o Escola Sem Partido. Professores Contra o Escola Sem Partido*. <https://professorescontraoescolasempartido.wordpress.com/2018/11/11/o-dia-que-a-veja-foi-contra-o-escola-sem-partido/>
- LDB, Pub. L. No. Lei Nº 9.394 (1996).
- Bronckart, J.-P. (2007). *Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo* (2a ed.). EDUC.
- Calvão, R. N. (2017). Marquês de Sade: Uma percepção da lei através dos livros “A filosofia

- na alcova”e “Os cento de vinte dias de Sodoma.” *Albuquerque: Revista de História*, 4(8).  
<https://doi.org/10.46401/ajh.2012.v4.4019>
- Carvalho, O. (2015, March 12). *Os chavões nos levam à repetição das mentiras e não à verdade*. Diário Do Comércio. [dcomercio.com.br/categoria/opiniaoprazo-de-validade](http://dcomercio.com.br/categoria/opiniaoprazo-de-validade)
- Cateau, M., & Gayader, G. (2020). *Adolescentes nazistas: fanáticos por Hitler*. [natgeobrasil.com](http://natgeobrasil.com). <https://www.youtube.com/watch?v=9XuWqX28-WY>
- Chomsky, N. (1968). *Language and Mind*. Harcourt, Brace & World.
- Clemente, M. (2020, July 22). *Entenda o que é Psicologia das Cores e descubra o significado de cada cor*. Rock Content. [ockcontent.com/br/blog/psicologia-das-cores/](http://ockcontent.com/br/blog/psicologia-das-cores/)
- Dantas, H., Oliveira, M. K., & Taille, Y. de La. (1992). *Piaget, Vigotski, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. Summus.
- Delors, J., Al-Mufti, I., Amagi, I., Carneiro, R., Chung, F., Geremek, B., Gorham, W., Kornhauser, A., Manley, M., Quero, M. P., Savané, M.-A., Singh, K., Stavenhagen, R., Suhr, M. W., & Nanzhao, Z. (1998). *Educação um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI* (D. A. Q. Morales (ed.); 6a ed.). Editora Cortez, UNESCO, MEC. [http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a\\_pdf/r\\_unesco\\_educ\\_tesouro\\_descobrir.pdf](http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf)
- Diaz, L. (2021, November 4). *5G: entenda o que é a tecnologia e a disputa entre EUA e a China* Leia mais em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/5g-entenda-o-que-e-a-tecnologia-e-a-disputa-entre-eua-e-a-china/>  
[guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/5g-entenda-o-que-e-a-tecnologia-e-a-disputa-entre-eua-e-a-china/](http://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/5g-entenda-o-que-e-a-tecnologia-e-a-disputa-entre-eua-e-a-china/)
- Freire, P. (2006). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra.
- Gardner, H. (1995). *Inteligências Múltiplas: a Teoria na Prática*. Artes Médicas.
- Glenday, C. H. (2008). *Noam Chomsky: linguística e filosofia* [Universidade Estadual do Norte Fluminense]. [http://www.pgcl.uenf.br/arquivos/cognicao\\_6587\\_1240934116\\_010220191559.pdf](http://www.pgcl.uenf.br/arquivos/cognicao_6587_1240934116_010220191559.pdf)
- Halász, G., & Michel, A. (2011). Key Competences in Europe: interpretation, policy formulation and implementation. *European Journal of Education*, 46(3), 289–306. <https://doi.org/10.1111/j.1465-3435.2011.01491.x>
- Ivic, I. (2010). *Lev Semionovich Vygotsky* (MEC/UNESCO (ed.)). Massangana. <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4685.pdf>



- Izquierdo, I. (1993, September). As ciências do cérebro. *Revista Ciência Hoje*, 6–10. <https://cienciahoje.org.br/edicao/94/>
- Kant, I. (2007). *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* (1a ed.). Edições 70, Lda.
- Keo, S., & LaSalli, T. (2020). *O Dilema das Redes*. Netflix. [www.netflix.com/watch/81254224?trackId=13752289&tctx=0%2C0%2Cf5bbecef6bba3e7d724057a6711eb5da4c561e9a%3A7058a613397d78671961a6bbfd912ae6d845a45f%2Cf5bbecef6bba3e7d724057a6711eb5da4c561e9a%3A7058a613397d78671961a6bbfd912ae6d845a45f%2Cunknown%2C](http://www.netflix.com/watch/81254224?trackId=13752289&tctx=0%2C0%2Cf5bbecef6bba3e7d724057a6711eb5da4c561e9a%3A7058a613397d78671961a6bbfd912ae6d845a45f%2Cf5bbecef6bba3e7d724057a6711eb5da4c561e9a%3A7058a613397d78671961a6bbfd912ae6d845a45f%2Cunknown%2C)
- Lee, E., & Hong, S. (2021). Adequate Sample Sizes for a Three-Level Growth Model. *Frontiers in Psychology*, 12. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.685496>
- Lima, A. P. de. (2010). O modelo estrutural de Freud e o cérebro: uma proposta de integração entre a psicanálise e a neurofisiologia. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, 37(6), 280–287. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832010000600005>
- Lins, S. L. B. (2007). Psicose - diagnóstico, conceitos e reforma psiquiátrica. *Periódicos Eletrônicos Em Psicologia*, 5(8). [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-44272007000100003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272007000100003)
- Marcuschi, L. A. (2001). O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. *Universidade Federal de Pelotas: Linguagem & Ensino*, 4(1), 79–111. <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15529/9710>
- Merry, M. S. (2018). Indoctrination, Islamic schools, and the broader scope of harm. *Theory and Research in Education*, 16(2), 162–178. <https://doi.org/10.1177/1477878518779668>
- BNCC, Pub. L. No. Lei N° 9.394 (2017). [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)
- Montoya, A. O. D. (2006). Pensamento e linguagem: percurso piagetiano de investigação. *Psicologia Em Estudo*, 11(1), 119–127. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000100014>
- Moreira, M. M. (2018). *5G – Evolução, MIMO massivo, beamforming e formas de onda* [Universidade Federal Fluminense,]. <https://app.uff.br/riuff/handle/1/7056>
- Mores, R. C. (2001). *Pensamento e linguagem: Lev Semenovich Vygotsky (1896-1934)*. Riendo Castigat Moraes. <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/vigo.pdf>
- Nagib, M. (2016, June 25). “O professor da minha filha comparou Che Guevara a São Francisco de Assis.” *El País*.

- [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/23/politica/1466654550\\_367696.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/23/politica/1466654550_367696.html)
- Netter, F. H. (2019). *Atlas de anatomia humana* (7a ed.). Elsevier.
- Oliveira, A. C. R. de, Storto, L. J., & Lanza, F. (2019). A educação básica brasileira em disputa: doutrinação versus neutralidade. *Revista Katálysis*, 22(3), 468–478. <https://doi.org/10.1590/1982-02592019v22n3p468>
- Parchen, C. E., Freitas, C. O. de A., & Baggio, A. C. (2021). O PODER DE INFLUÊNCIA DOS ALGORITMOS NO COMPORTAMENTO DOS USUÁRIOS EM REDES SOCIAIS E APLICATIVOS. *Novos Estudos Jurídicos*, 26(1), 312–329. <https://doi.org/10.14210/nej.v26n1.p312-329>
- Pastura, G., & Mattos, P. (2004). Efeitos colaterais do metilfenidato. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, 31(2), 100–104. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832004000200006>
- Penna, E. M. D. (2005). O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa. *Psicologia USP*, 16(3), 71–94. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642005000200005>
- Perez, A. C. P., & Wetzell, C. L. R. (2021). “Menores contra el terror: El uso de nuevas estrategias educativas para combatir la captación y adoctrinamiento usado por el MOVADef en jóvenes adolescentes escolares vulnerables del distrito de Comas” [Pontificia Universidad Católica Del Perú]. [https://tesis.pucp.edu.pe/repositorio/bitstream/handle/20.500.12404/20432/POMAJAMB\\_O\\_PEREZ\\_ROMERO\\_WETZELL\\_MENORES\\_TERROR.pdf?sequence=1](https://tesis.pucp.edu.pe/repositorio/bitstream/handle/20.500.12404/20432/POMAJAMB_O_PEREZ_ROMERO_WETZELL_MENORES_TERROR.pdf?sequence=1).
- Perrenoud, P. (1999). Profissionalização do professor e desenvolvimento de ciclos de aprendizagem. *Cadernos de Pesquisa*, 108, 07–26. <https://doi.org/10.1590/S0100-15741999000300001>
- Piaget, J. (1971). *A Epistemologia Genética*. Editora Vozes: Tradução: Nathanael C. Caixeiro.
- Piaget, J. (1972). *Development and learning: Reading in child behavior and development*. Harcourt Brace Janovich. (In Lavattelly, C. S. e Stendler, F.).
- Piaget, J. (1976). *Equilíbrio das estruturas cognitivas: problema central do desenvolvimento*. Jorge Zahar (Original work published problème central du développement).
- Piaget, J. (1986). *Nascimento da Inteligência na Criança* (1a ed.). Publicações Dom Quixote.
- Queiroz, S. S. de, Dias, L. P., Chagas, J. D., & Nepomoceno, P. dos S. (2011). Erros e equilíbrio em psicologia genética. *Psicologia Escolar e Educacional*, 15(2), 263–271.

- <https://doi.org/10.1590/S1413-85572011000200008>
- Secretaria da educação: Governo do estado de São Paulo. (2013). Relatório pedagógico. *SARESP*, 01–272. [https://file.fde.sp.gov.br/saresp/saresp2013/Arquivos/SARESP\\_2013\\_Relatório Pedagógico\\_Língua Portuguesa.pdf](https://file.fde.sp.gov.br/saresp/saresp2013/Arquivos/SARESP_2013_Relatório_Pedagógico_Língua_Portuguesa.pdf)
- Selleski, N. (2020). *Avaliação da qualidade de vida de pacientes adultos com doença celíaca : validação de questionário e sua aplicação em enquete populacional na Argentina* [ Universidade de Brasília]. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/40595>
- Silva, D. O. S., & Inguaggiato, M. L. (2016). *A contribuição da tríade afeto, movimento e cognição, na aquisição da segunda língua* [Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública]. <https://repositorio.bahiana.edu.br:8443/jspui/handle/bahiana/800>
- Silva, Moisés Lopes da. (2022). *O Reino de Cráudio* (Moises Lopes da Silva (ed.); 1st ed.). Amazon. <https://www.amazon.com/dp/B09WYLPGXJ>
- Silva, Moises Lopes. (2020). *Emoções cognoscentes* (1a ed.). Editora Appris.
- Silva, Moises Lopes. (2021). Emoções cognoscentes. *RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar* - ISSN 2675-6218, 2(6), e26486. <https://doi.org/10.47820/recima21.v2i6.486>
- Souza, R. A. (2007). *Teoria da literatura*. Ática.
- Stanowski, D. (2021, December 28). U.S. enslaved by indoctrination sold as education. *The Daily News*. [https://www.galvnews.com/opinion/guest\\_columns/article\\_69b184ca-0c7d-5297-9571-725ce50585fd.html](https://www.galvnews.com/opinion/guest_columns/article_69b184ca-0c7d-5297-9571-725ce50585fd.html)
- Uchôa, D. M. (2015). Mitomania como defesa num caso de personalidade histérica. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 5(3), 299–309. <https://doi.org/10.1590/S0004-282X1947000300007>
- Vergara, S. C., Brauer, M., & Gomes, A. P. C. Z. (2005, May). Universidades corporativas: educação ou doutrinação? *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, 167–191. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=195416195008>
- Vieira, P. A. (1984). *Sermões*. Editora Três.
- Zylberglej, R. (2017). *A influencia das cores nas decisões dos consumidores* [Universidade Federal do Rio de Janeiro,]. <http://repositorio.poli.ufrj.br/monografias/monopoli10023496.pdf>

## 12. GLOSSÁRIO

Emoções cognoscentes	Emoções que aprendem
Equilibração	Fase da teoria piagetiana em que o pensamento chega a uma coerência
Equilibração da tríade	Fase em que as tríades chegam à coerência da razão, da emoção e dos movimentos
Espiral ascendente	Evolução do conhecimento na teoria piagetiana
IBM SSPS	Programa de manipulação de dados
Indiferenciação	Fase da teoria piagetiana em que o objeto e o sujeito não se diferenciam
Movimentação de recursos	Pensamento humano na teoria piagetiana
Objeto da doutrinação	Aquele que não controla a sua aprendizagem
Paralaxe	Incoerência no discurso, similar ao sofisma
Proposição	Proposta de soluções futuras
Semântica	Significado
Ser cognoscente	O ser que aprende
Sintaxe	Escrita ou código
Sujeito da aprendizagem	Aquele que controla a sua aprendizagem
Tríade morfológica	Lobos do Telencéfalo/ Sistema Límbico/ Sistema Nervoso Central
Tríade psicanalítica	Id/ Ego/ Superego
Tríade psicomotora	Cognição/ Motricidade/ Afetividade
ZDP	Zona de Desenvolvimento Proximal; Zona onde o ser que aprende protagoniza sua própria aprendizagem
Paradigma	Arcabouço que parametriza uma pesquisa ou um pensamento estabelecido sem que a verdade o sustente.

### 13. ANEXOS

#### Questionário sobre o livro o Reino de Cráudio e Informações pessoais

Responda marcando um X no quadro adequado.		Sim	Não		
Onde mora: Bairro ( ) Centro ( ); Série: ; Idade Sexo: M( ) F( )					
1	A expressão “possuir virtudes de Ali Babá” significa ser ladrão?				
2	A expressão “tempero” significa o sal contido no Mar Morto?				
3	A expressão “estrabismo” faz referência à “visão abundante”?				
4	A expressão “oráculo” faz referência à mente de Cráudio?				
5	A expressão “sanear os hereges” significa matar os hereges?				
6	A expressão “gigante” faz referência ao povo brasileiro?				
7	A expressão “brilho que ofusca” significa escuridão para quem olha?				
8	A expressão “sons guturais” significa dificuldade de expressão?				
9	A expressão “bater o martelo de Thor” significa dar o veredicto na corte?				
10	A expressão “o gigante se tornou uma estrela” significa que o povo se levantou?				
11	O Reino de Cráudio era bom os para seus súditos?				
12	O oráculo trazia luz aos mortais?				
13	Cráudio precisava da luz do cosmo e não de razão?				
14	O amor de Cráudia era compreendido pelos súditos do reino?				
15	Havia liberdade no reino de Cráudio para os sobreviventes?				
16	Os sobreviventes do reino escolheram a razão?				
17	A aprendizagem era uma realidade no reino de Cráudio?				
18	Não havia doutrinação no reino de Cráudio?				
19	Sanear os hereges significava deixá-los viver limpinhos?				
20	A inteligência não era opressora da ignorância no reino?				
21	Você aceita a inexistência do seu próprio ser como indivíduo?				
22	Você seria capaz de relatar realidades ao seu redor contidas no livro?				
23	Você observa realidades muito diferentes das relatadas no livro onde vive?				
24	Você acha legal seguir a moda e os costumes da sociedade onde vive?				
25	Você curti aprender o que todos estão aprendendo e da mesma forma?				
26	Você se considera uma pessoa preparada para a vida?				
27	Você sabe o que é doutrinação e qual o seus efeitos para a sua vida?				
28	Você sabe o que é aprendizagem e qual os seus efeitos para a sua vida?				
29	Você aprende bem sozinho (a)?				
30	Você achou interessante esta pesquisa?				
31	Você possui celular?				
32	Você tem computador?				
33	Você tem vídeo game?				
34	Você trabalha?				
35	Você toma Ritalina para hiperatividade ou déficit de atenção?				
36	Qual sua cor preferida?				
37	Você prefere a aprendizagem ou a doutrinação?				
38	Você faz uso de algum tipo de medicamento controlado?				
	Não usa	Uma vez por dia	Duas ou mais	Por semana	Por mês
39	O quanto normalmente você utiliza seu celular para navegar na internet e/ou redes sociais?				
	Não usa celular	Menos da metade do dia	Mais da Metade do dia	Dia e noite	
40	Que tipo de leitura você prefere?				
	Livro	Tela digital	Quadrinhos	Vídeos	Nenhuma

